



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA



EVANÚZIA ROCHA DOS SANTOS

**DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**



CARINHANHA - BA, ABRIL DE 2013.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

EVANÚZIA ROCHA DOS SANTOS

**DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como exigência parcial para conclusão do curso de graduação em Pedagogia a distância da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/Universidade Aberta do Brasil – UnB/UAB, sobre orientação da Professora Dra. Norma Lúcia Neris de Queiroz.

SANTOS, Evanúzia Rocha. Desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública do Povoado de Santa Luzia Município de Carinhanha_BA, Abril de 2013. 86 páginas. Faculdade de Educação_FE, Universidade de Brasília_UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB-UAB

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Norma Lúcia Neris de Queiroz – Orientadora
Secretaria de Educação do Distrito Federal

Prof.^a MsC, Sandra Regina Santana Costa - Examinadora
Secretaria de Educação do Distrito

Prof.^a MsC, Neuza Maria Deconto – Examinadora
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Carinhanha - Ba, abril de 2013.

SUMÁRIO

Dedicatória	7
Agradecimentos	8
Resumo	9
Parte I	10
Memorial educativo reflexivo	10
I - Apresentação	18
Parte II	20
Estudo de pesquisa	20
II – Introdução	20
Capítulo I	23
Referencial teórico	23
1.1 O que é leitura e o que é escrita?	24
1.2 A educação na vida das pessoas	27
1.3 A importância do incentivo à leitura e da escrita	29
1.4 Concepções de leitura e escrita	33
1.5 Práticas da leitura e da escrita	36
Capítulo II	39
Metodologia de pesquisa	39
2.1 Universo de pesquisa	41
2.2 O corpo docente	43
2.3 Os entrevistados	44
2.4 Os instrumentos de coleta de dados	45
2.5 Procedimentos de coleta de dados	45
2.6 Procedimentos de análise de dados	46
Capítulo III	46
Análise dos dados e discussão dos resultados	46
3.1 A prática de leitura e escrita dos professores participantes deste estudo	47
3.2 Que tipo de leitura e escrita, os professores deste estudo costumam realizar? ..	50
Observação na sala de aula	60
4.1 A participação da família no desenvolvimento da leitura e escrita desperta o interesse dos filhos para o desenvolvimento de ambas.	60
4.2 O cantinho da leitura	62

Considerações finais	63
Referências	66
Parte III	68
Perspectivas profissionais	68
Apêndice 1	69
Anexo 1	78

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus que está sempre ao nosso lado para dar-nos força e coragem para vencer aos obstáculos da vida.

AGRADECIMENTOS

Deus, pelas oportunidades que tem me dispensado a todo o momento e me abençoado nos momentos mais difíceis da minha vida.

Aos meus pais que sempre me encorajaram nos momentos difíceis em que muitas vezes pensei em desistir, e não deixaram que isso acontecesse e sempre me incentivaram a lutar pelos meus objetivos.

Aos colegas do curso que sempre estiveram do meu lado me incentivando e auxiliando no envio das tarefas.

A meus filhos que mesmo sem entender porque precisava ausentar de casa tantas vezes e de não lhes dedicar atenção, principalmente, nos momentos que não estavam bem de saúde.

A todos os professores e professoras, tutores presenciais e a distância e coordenadoras que contribuíram para o meu desempenho neste curso.

Aos professores entrevistados, e os alunos que cooperaram para realização desse trabalho.

RESUMO

No presente estudo, optei estudar o desenvolvimento da leitura e escrita com o objetivo de, identificar o desenvolvimento dos alunos do 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental de uma escola pública do Povoado de Santa Luzia no Município de Carinhanha – BA. Elaboramos como objetivos específicos: identificar o que vem dificultando a aprendizagem da leitura e escrita dos alunos da escola pesquisada; identificar como acontece a prática pedagógica dos professores em relação à leitura e à escrita; analisar o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola com foco nos projetos de leitura e escrita destinadas aos alunos nos anos iniciais. Para fundamentar a análise de dados, elaboramos o referencial teórico pautado nos autores: Freire (1987), Martins (2007), Carvalho (2005), Ferreiro (2011). A metodologia utilizada foi à qualitativa, cujos participantes foram três professores do ensino fundamental e a coordenadora pedagógica da escola. Todos os professores são graduados em Pedagogia e possuem experiência docente. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: uma entrevista semiestruturada com um roteiro para orientar o diálogo entre pesquisadora e participantes e a observação em sala de aula, cujo foco era a prática pedagógica. Os resultados obtidos foram: a) os professores desenvolvem a prática de leitura e escrita, porém o tempo não é suficiente para incentivar os alunos, pois o tempo é curto e nem todos os alunos estavam totalmente alfabetizados; b) têm alunos repetentes que está há anos no mesmo nível escolar que além de não acompanhar os assuntos, porque não leem nem escrevem, dificultam a prática pedagógica do professor que precisa dar atenção aos alunos que não estão alfabetizados; c) os alunos que já estão alfabetizados reclamam que têm de ficar revendo tudo àquilo que já sabem; d) O que tem dificultado o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos é a falta de acompanhamento de alguém que sabe ler e escrever, pois os que sentem mais dificuldades são filhos de pais analfabetos, porém o período de aula é curto e que esse trabalho deveria continuar em casa. Se não tem alguém que incentiva e acompanha esses alunos, fica difícil de aprender e criar o gosto pela leitura e escrita. Por mais que a leitura e escrita esteja impregnada no cotidiano dos professores, ainda falta muito para colocar em prática com os seus alunos. Sem essa prática não vai fazer muito sentido para os alunos e até mesmo o próprio professor. Talvez não seja por vontade própria que isso vem acontecendo, mas pelo acúmulo de atividades diárias de sua docência, que acaba por prejudicar não só a si próprio, mas a possibilidade de desenvolver uma prática qualificada de leitura e escrita. Portanto para que ocorram mudanças no processo da leitura e escrita faz-se necessário que os professores promovam com seus alunos grupos de estudos para que esses possam desenvolver a leitura e a escrita com a dedicação e incentivo necessários.

Palavras-Chaves: Leitura; Escrita, Desenvolvimento; Prática pedagógica; Ensino fundamental.

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO REFLEXIVO

I - MEMORIAL EDUCATIVO REFLEXIVO

Esta parte tem o intuito de refletir sobre minhas experiências desenvolvidas ao longo da trajetória escolar. Como se deu essa passagem por todos os anos de estudos. Como e quando realizei cada uma dessas etapas em minha vida até chegar aos dias de hoje, nos quais dou continuidade a minha formação continuada ampliando meus conhecimentos para melhor desenvolver meu trabalho como professora.

Fazer o memorial não é nada fácil, muito difícil ter que lembrar o acontecido, trazer para o presente toda trajetória do passado e ter de vivenciar tudo novamente.

O QUE É MEMORIAL?

Memorial é a escrita, na qual são narrados fatos que ocorreram na vida das pessoas, ou seja, aquilo que as pessoas guardam na memória e tenham assistido ou participado direto ou indiretamente em várias etapas de suas vidas. A memória é a forma de “reter impressões e conhecimentos adquiridos” (BUENO, 1996), e de recuperá-los pela ação da vontade, ou quando solicitado por alguém, especialmente, educadores para conclusão de algum curso, ou outra forma de conhecimento ou desempenho de alguma função, como parte do currículo pessoal.

MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Lembro-me quando meus pais juntamente com outros pais contrataram uma moça que tinha a 4ª série para que seus filhos pudessem ser alfabetizados. Não tinha escola perto da nossa localidade e só assim poderíamos aprender a ler e escrever, a moça não sabia ensinar direito. Não sabia escrever bem nem o nome dos alunos, não aprendemos nada, logo foi embora e ficamos sem ninguém.

Naquela época, uma pessoa que cursava a 4ª série já era considerada quase uma professora, diferente dos dias atuais que o professor precisa ter um curso superior para ensinar, a alfabetização é a base onde os alunos constroem o alicerce do saber para todo desenrola do processo de ensino aprendizagem e que deve ser alguém preparado para acompanhar nesse processo mais importante da vida do aluno que é o início da sua aprendizagem e que tem de ser solidificada para que no decorrer da sua trajetória escolar não sinta tanta dificuldade.

Em 1985, meus pais conseguiram contratar outra moça que acabara de concluir a 8ª série. Foi ela quem alfabetizou eu e meus irmãos. Eu já fui direto para 2ª série. Fomos matriculados, em 1986, na Escola Municipal Santa Luzia, num povoado distante 12 km de onde morávamos. Passamos a ficar eu e meus irmãos em uma casa sozinhos para estudar. Nessa escola, os pais ainda pagavam para trazer os professores para lecionar e ajudavam nas despesas deles senão iam embora, abandonando a escola. Nesse tempo, os professores recebiam salário da prefeitura e recebia ainda dos pais uma ajuda para pagar aluguel e despesas com alimentação para o mês todo. Nessa escola cursei da 2ª a 4ª série do ensino fundamental, quando conclui a 4ª série fiquei parada, pois não tinha como continuar porque ali não tinha os anos finais do ensino fundamental.

Tive de continuar morando ali para esperar meus irmãos estudarem, porque era eu que cuidava deles enquanto meus pais trabalhavam na roça para nos manter na escola. Em 1994, começou a extensão do ensino fundamental – 5ª a 8ª série - dei continuidade a meus estudos e no final de 1996 conclui a 8ª série. Nessa época fui para Goiânia trabalhar e estudar, mas como era muito corrido, parei os estudos e fiquei só trabalhando. No início do ano de 1998, voltei para Bahia e fiquei em Carinhanha, onde comecei e terminei o magistério em 2000, O sonho do meu pai era ver todos os seus filhos formados e que exercessem a função de professor. Já o meu sonho era fazer contabilidade só que não tive oportunidade, porque quando fui me matricular já não tinha mais esse curso. E por falta de opção, acabei fazendo magistério.

No início do ano seguinte que conclui o magistério, ou seja, em 2001, fui contratada como professora para trabalhar na escola onde terminei o ensino fundamental, Escola Municipal Santa Luzia. Trabalhei até julho desse mesmo ano com contrato, Em julho do ano corrente, passei no concurso para professora, pois se

não fosse concursada não podia continuar trabalhando porque não podia renovar o contrato. Trabalho até hoje nessa mesma escola.

Por isso acho que antigamente tudo era bem mais fácil para os professores. Trabalhavam de contrato e ainda recebiam ajuda dos pais dos alunos e não necessitavam de ensino superior e nem de formação continuada. Percebe-se que por mais difícil que era para as famílias conseguir colocar os filhos na escola, mas o resultado era satisfatório, hoje se tornou muito fácil e simples matricular os filhos, mas a aprendizagem não tem fruído o bastante; quando o acesso às escolas era complexo, as crianças matriculadas saiam alfabetizadas, e hoje não, elas passam três, quatro anos em uma única série e ainda continuam sem serem alfabetizadas, as coisas se tornaram mais fácil, todos têm acesso à escola, os professores estão tendo formação continuada, mais o processo educativo parece banalizado, sem valor, os alunos desinteressados parecem que estão na escola forçados por conta dos benefícios que recebem do governo (bolsa família e bolsa escola) e por ser obrigatório está matriculado e frequentando uma escola. Com todos os recursos que a educação oferece, hoje, seu desenvolvimento era para ser outro, bem melhor.

Meu pai faleceu em 03 de maio de 2010, dos seus filhos apenas duas filhas conseguiram realizar seu sonho de se formar em magistério. Mesmo assim só eu assumi a profissão de professora, a outra formou, casou-se e foi exercer outra profissão. Os outros três irmãos desistiram, uma na 6ª série para casar e um na 3ª série e o outro na 5ª, mas nem tudo pode ser como almejamos, a gente faz um plano e Deus faz outro.

Dos meus colegas do ensino fundamental, muitos não deram continuidade aos estudos. Dos que continuaram, tenho notícias de uma que é advogada, e as demais optaram pelo magistério como eu. A profissão de professor está bastante desvalorizada, é sabido que todos passam por estes profissionais para chegar à medicina, à presidência e às demais profissões. Por isso os governantes que estar no poder deveria lembrar-se do professor e valorizar sua profissão dando-os melhores condições para desenvolver seu trabalho.

Entendemos que muitas das vezes ao narrar à trajetória de nossa vida, só lembramos ou só queremos descrever as coisas boas que aconteceram,

esquecendo, assim, dos momentos ruins que passamos, mas é dessas experiências vivenciadas que tiramos a conclusão do que deu certo ou errado, e de que forma podemos prosseguir nossa trajetória de vida de uma forma melhor.

INGRESSANDO NO CURSO DE PEDAGOGIA

Depois de alguns anos de trabalho, prestei dois vestibulares em 2007, sendo um para Pedagogia na Universidade Aberta do Brasil _UAB, Universidade de Brasília - UnB e o outro para Matemática na Faculdade de Tecnologia e Ciências _FTC. Passei nos dois vestibulares, era meu desejo fazer Matemática por falta de condições financeira optei por Pedagogia por ser oferecido por uma universidade pública, já que o outro é de uma faculdade particular. Mais uma vez fiz uma escolha contra minha vontade, mas nem por isso tenho de fazer meu trabalho sem responsabilidade e dedicação, ao contrário procuro me esforçar ao máximo possível, pois sei que nem tudo é como a gente quer e deseja que fosse.

Agradeço muito a Deus e aos meus pais que lutaram tanto para que seus filhos estudassem, formassem e conseguissem um bom emprego.

Em relação às disciplinas e projetos em toda trajetória do curso deparei com algumas disciplinas e projetos que me identifiquei mais, pois os conteúdos e temáticas eram mais explícitos, outros mais complexos, mas sei que todos contribuíram muito para meu desempenho enquanto professora.

A seguir, listei as disciplinas e projetos que compõem o currículo do curso de Pedagogia a distância da UnB/UAB:

- _Antropologia e Educação
- _Perspectiva do Desenvolvimento Humano
- _Teoria da Educação
- _Investigação Filosófica
- _Fundamentação da Educação Ambiental.
- História da Educação

- Educação Especial
- Socionomia, Psicodrama e Educação.
- Organização da Educação Brasileira
- Processo de Alfabetização
- Psicologia da Educação
- Aprendizagem e Desenvolvimento das Pessoas com Necessidades - Educativas Especiais
- Cultura Organizacional
- Ensino de Aprendizagem da Língua Materna.
- Educação e Trabalho
- Projeto de Pesquisa
- Pesquisa em Educação 1.
- Educação de Adultos.
- Introdução à Classe Hospitalar
- Sociologia da Educação
- Fundamentos da Arte na Educação
- Filosofia da Educação.
- Didática Fundamental
- Educação Matemática 1
- Educação Matemática 2
- Ensino de Ciências e Tecnologia1
- Administração das Organizações Educativas
- Educação Infantil

- Educações das Relações Étnico-Raciais
- Língua Brasileira de Sinais
- Orientação Vocacional Profissional
- Psicologia Social na Educação
- Literatura e Educação
- Projeto 1
- Projeto 2
- Projeto 3 - Cultura e Cotidiano Escolar
- Projeto 3 - Fase 2 Cinema Ensino e Diversidade
- Projeto 4 Fase 2_ Educação de Jovens e Adultos
- Projeto 5 Fase 1
- Projeto 5 Fase 2 - TCC - Pedagogia

No início do curso, senti muita dificuldade, pois entrei com a “cara e a coragem”, não sabia nada de computação, nunca tinha sequer ligado um computador. Para acessar o ambiente *moodle* para estudar, realizar as tarefas e postá-las contava com o auxílio dos colegas, posso dizer que eles foram “meus pés e minhas mãos”. Se não fossem eles não estaria, aqui, porque dependi muito deles para manusear o computador. Só no mês de dezembro de 2012 pude fazer um curso de informática e mesmo assim foi online. Considero que aprendi muito nesse curso, encontrei algumas disciplinas e alguns projetos que foram difíceis de compreender suas propostas, pois eram muitos assuntos, mas graças a Deus consegui vencê-los todos sem reprovação.

Espero terminar o curso sem ficar pendente em nenhum dos componentes curriculares. Peço a Deus força e coragem para terminar porque já pensei tanto em desistir. Não desistir porque meu trabalho exige uma formação continuada senão já tinha deixado de estudar. Tenho que deixar tudo da minha vida pessoal só para dedicar ao curso, os que estão a minha volta cobram de mim,

perguntam se o estudo é mais importante, porque quando chega alguém em casa eu nem paro para dar atenção. Meus filhos pedem para não ir para escola, para não estudar, chamam para sentar um pouco com eles e eu não posso; isso está me sufocando.

Os componentes curriculares que sentir mais dificuldade foram os projetos, principalmente, aqueles que fiz apenas uma fase, pois na segunda tive de ir para outro projeto, não por minha escolha, até pedir para continuar no que estava, mas tinha que ter uma quantidade certa de alunos em cada projeto. Por isso não podia dar continuidade ao projeto anterior que tinha dado início e com isso sentir prejudicada, pois ao iniciar outro projeto ficava perdida, pois era sequência do que foi visto anteriormente.

Não posso dizer que houve trabalhos sem importância, pois todos tiveram sua devida importância, mas dependendo do momento e da realidade todos foram significativos. Com uns aprendi mais porque compreendi melhor, outros menos, pois a dinâmica precisa ser mais esclarecida. Os encontros presenciais foram bastante significativos, isto nos possibilitou maior compreensão da proposta da disciplina ou do projeto que a distância muitas vezes não é possível compreender. Foi nos encontros presenciais que sempre colocava minhas dúvidas e eram esclarecidas questões que afligiam durante todo o semestre e que às vezes por meio de mensagens não se resolviam. É um momento em que a aprendizagem flui mais por haver interação do professor/estudante e do estudante/estudante. Enfim, havia a mediação de ambas as partes, para o aprimoramento da aprendizagem.

O que deveria ser mudado nos encontros presenciais é quando marcasse um encontro que fosse apenas de um professor e em dias que os transportes fizesse a linha para que quem não morasse na Sede pudesse participar do encontro sem se preocupar como ir embora ao encerrar a atividade. Quando marcava dois, três encontros entre o sábado e o domingo, muitos estudantes, como eu, só participava de dois encontros ou de um e meio e não participava do outro, principalmente no tempo de chuva aqui que não tem estrada.

A relação com os colegas era boa, com as tutoras também com exceção daquelas a distância que você manda mensagem e nunca é atendida ou quando

você vai ser atendida já passou da época, lembrando também de alguns professores que apenas aparece o nome na disciplina e não têm contato nenhum com o aluno nem por mensagem, apenas o tutor inicia e termina o curso sem sua presença. Estou citando isso porque na avaliação da disciplina pede para avaliar o professor supervisor, se ele corrigia isso ou aquilo, se tinha destreza nisso ou naquilo, como avaliar se nem conhecíamos e não tivemos nenhum contato?

Nos cursos, seminários e palestras que participei aprendi bastante, pois em todas as atividades extras que foram realizadas aprendemos muito, até mais do que se estivesse em sala de aula, por ser assuntos que condizem com a realidade e que podem ajudar no desenvolvimento do nosso trabalho no processo de ensino aprendizagem.

Em relação ao desenvolvimento dos meus estudos, fiz o possível. Investir tudo de mim, pois quando tinha algo para estudar, um trabalho para realizar não conseguia ficar em paz enquanto não terminasse. Para meu sossego precisava fazer logo, porque tinha a sensação de que nada estava bem a minha volta, quando tenho algo a fazer me sinto muito preocupada, me acho responsável demais queria ser menos ansiosa. Esse jeito de ser me custa muito caro, pois me deixa estressada, perturbada por demais até sem inspirações. Já as dificuldades foram tantas que prefiro não comentar, começando do pessoal, do acesso ao transporte para comparecer aos encontros presenciais, de postar as tarefas em determinada data, de participar de trabalho em grupo e de depender de segundos para estar lá na hora certa, tudo isso não foi fácil.

Agora em 2013, é de vencer essa batalha se Deus quiser e fazer minha pós-graduação em Ciências ou em Matemática, para melhor desempenho de minha profissão no processo de ensino aprendizagem.

I - APRESENTAÇÃO

Este estudo de pesquisa refere-se ao desenvolvimento da leitura e escrita dos anos iniciais do ensino fundamental e a postura dos professores alfabetizadores em relação a ambas. O desenvolvimento da leitura e escrita nos anos iniciais tem sido um tema de grande preocupação nos últimos anos. Pais e professores têm provocado muitos questionamentos a respeito das dificuldades dos alunos que não sabem ler e escrever ou que leem e escrevem com dificuldades, por isso procurei desenvolver neste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC o estudo de pesquisa com o seguinte tema: Desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.

Para realizar o TCC, busquei desenvolver um roteiro de questões para orientar o diálogo com os quatro participantes da Escola Municipal do Povoado de Santa Luzia, sobre seu desempenho de leitura e escrita para execução de sua docência. Para compreender o porquê das dificuldades dos alunos em desenvolver a prática da leitura e escrita, uma vez que essas práticas são indispensáveis à formação de cidadãos competentes capazes de exercer sua cidadania com justiça e dignidade.

Espero que no desenvolvimento deste trabalho possa contribuir com os professores dos anos iniciais desta instituição, onde realizei o estudo de pesquisa sobre a prática da leitura e escrita em suas atividades na sala de aula, e que possamos descobrir novos horizontes, compartilhar nossas ideias e ampliar cada vez mais nosso conhecimento.

Que este trabalho possa contribuir para fruir o gosto pela prática da leitura e escrita a todos que a este tiver acesso, e que possam compreender a importância de ambas as práticas na vida do ser humano e na compreensão do mundo contemporâneo, o qual impõe tantas exigências.

Neste trabalho inclui algumas etapas da minha trajetória de vida enquanto aluna, professora, para chegar até aqui momento de conclusão de curso, momento tão sonhado e esperado, para dar continuidade no meu trabalho com mais destreza, capacidade e segurança, e sobre as minhas perspectivas profissionais,

que é mais um sonho a ser conquistado, fazer minha pós-graduação em Ciências Naturais, e assim que concluir minha pós-graduação em Ciências pretendo fazer outra em Matemática que é o meu desejo.

PARTE II

ESTUDO DE PESQUISA

II – INTRODUÇÃO

Hoje, nós sabemos que a prática pedagógica envolvendo a leitura e a escrita pode influenciar o desenvolvimento do aluno. É evidente que o aluno na maioria das vezes espelha-se em seu professor. Neste sentido, se o professor empenhar-se em desenvolver essas práticas pode estar contribuindo para o aprimoramento e aperfeiçoamento da leitura e escrita dos alunos.

Na minha trajetória escolar lembro-me bem que sempre procurava assemelhar minha escrita com a escrita do professor, quando ele tinha uma caligrafia boa e legível, a minha caligrafia ficava maravilhosa, quando era o contrário, a minha letra ficava ilegível e bem ruim. Vejo nesta experiência minha o quanto a prática do professor pode influenciar o aprendizado de seus alunos.

O acesso a livros, revistas, jornais e tudo que leva o aluno a ter contato com a variedade de textos escritos e outras linguagens pode incentivar o desenvolvimento do aluno na leitura e na escrita. Esse contato com certeza poderá melhorar o desempenho do aluno em seu processo de aprendizagem.

Para contribuir com o desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental é necessário que o professor conheça a realidade do aluno. Se o aluno tem contato com materiais que propiciam uma relação positiva com a leitura e a escrita, pois no mundo letrado dos dias de hoje é de extrema importância e indispensável à vida do ser humano. É sabido que só a partir dessa relação contínua e positiva com a leitura e a escrita é possível o desenvolvimento do gosto por essas práticas.

Para o desenvolvimento deste estudo de pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa e propomos responder a seguinte pergunta: como acontece o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos do 2º, 3º, e 4º anos do ensino fundamental de uma escola municipal do povoado de Santa Luzia em Carinhanha – BA. Escolhi essa escola, para realização do meu estudo, pois já

exerço a profissão de professora com alunos dos anos finais do ensino fundamental há alguns anos nela e fica próximo da minha casa, no entanto realizei a entrevista com três professores do 2º, 3º, e 4º anos e a coordenadora pedagógica. Como já faço parte do quadro de funcionários dessa escola desde 2001, considero-me bem entrosada nesse contexto escolar, principalmente, por ter contato com quase todas as turmas tanto dos anos iniciais quanto da educação de jovens e adultos, durante esses últimos cinco anos tenho realizado observações para os trabalhos solicitados pelos professores de outras disciplinas deste curso.

Como tenho uma relação bem próxima com os professores dos anos iniciais e os das demais turmas, a temática da aprendizagem da leitura e da escrita nos anos iniciais me instigou e comecei a fazer alguns questionamentos sobre o processo de aprendizagem dos alunos e as dificuldades em desenvolver a leitura e escrita de forma competente.

Justifica-se realizar este estudo de pesquisa, uma vez que considero a leitura e escrita de forma autônoma e competente nos anos iniciais, nos dias de hoje, uma prática social indispensável para as comunidades letradas. Por outro lado, como professora, tenho observado que muitos alunos apresentam dificuldades para aprender a ler e escrever nos primeiros anos do ensino fundamental, acarretando muitas vezes desinteresse para continuar estudando e vencer esses obstáculos na escola.

Este estudo de pesquisa tem o intuito de identificar como alunos do 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental se apropriam da leitura e da escrita, uma vez que a leitura e a escrita têm muita importância na vida do ser humano, o quanto leva as pessoas a se conhecerem melhor e ter um bom relacionamento com os que estão a sua volta. Portanto, aprender a ler e escrever pode auxiliar esses alunos em suas atividades corriqueiras do cotidiano e de conviver melhor com o mundo que o cerca e tornarem-se capazes de entender o porquê do processo educativo ser indispensável na vida deles como pode ajuda-los a refletir melhor e compreender esse mundo letrado no qual estão inseridos.

Portanto faz-se necessário compreender como os alunos constroem suas aprendizagens para não ficar excluídos desse mundo letrado e do meio social, pois para estarem inseridos nesse novo mundo é preciso muito esforço e dedicação para acompanhá-lo em suas exigências e não ficarem perdidos com as mudanças que o

mundo vem propondo aos indivíduos constantemente no decorrer desses últimos anos. Para responder a nossa pergunta de pesquisa neste estudo, definimos os seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL

_Identificar o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos do 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental de uma escola municipal do Povoado de Santa Luzia em Carinhanha – Bahia.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

_Identificar o que vem dificultando a aprendizagem da leitura e da escrita dos alunos do 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental da escola pesquisada.

_Identificar como acontece a prática pedagógica dos professores em relação à leitura e à escrita dos alunos participantes deste estudo.

_Identificar como acontece a coordenação pedagógica dos professores em relação à leitura e à escrita dos alunos participantes deste estudo.

_Analisar o Projeto Politico-Pedagógico (PPP) da escola com foco nos projetos, envolvendo a leitura e a escrita destinadas aos alunos 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental.

O presente trabalho foi organizado em três capítulos, nos quais abordamos concepções teóricas e metodológicas que fundamentam a pesquisa empírica.

No primeiro capítulo, organizamos o referencial teórico, no qual discutimos as concepções de leitura e escrita, fazendo relações entre as possíveis estratégias pedagógicas para educação dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, pois o foco principal deste estudo é compreender o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita com alunos do 2º, 3º e 4º anos que têm dificuldades de aprendizagem.

Já no segundo capítulo, descrevemos a metodologia da pesquisa, trazendo conceitos utilizados em pesquisas qualitativas, mais especificamente o contexto da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, os participantes e os procedimentos de construção e análise de dados.

No terceiro capítulo, realizamos a análise dos dados a fim de dar respostas à pergunta inicial deste estudo e discutir os resultados coletados com base nos dados coletados. Além disso, buscamos identificar a relevância do estudo e da possibilidade de sugerir estratégias pedagógicas para a escola em que foi realizado o estudo, como por exemplo, um cantinho da leitura nas salas de aula para que os alunos possam ampliar a leitura de outros textos e discutir com os colegas os temas relacionados nesses textos, além de desenvolver o gosto pela leitura e escrita e o interesse em praticá-las.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo aborda o referencial teórico que fundamenta este estudo de pesquisa, cujo objetivo foi o de identificar os fatores que dificultam o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos do 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental em uma Escola da rede pública do Povoado de Santa Luzia no Município de Carinhanha – BA. Buscamos, portanto, um diálogo com os textos de Martins (2007), Carvalho (2005), Ferreiro (2011) e Freire (1987) para nos auxiliar na análise de dados. Organizamos este capítulo em cinco tópicos. Entre eles, destacamos:

- 1.1 O que é leitura e o que é escrita?
- 1.2 A educação na vida das pessoas.
- 1.3 A importância do incentivo à leitura e da escrita.
- 1.4 Concepção de leitura e escrita.
- 1.5 Prática de leitura e da escrita.

1.1 O QUE É LEITURA E O QUE É ESCRITA?

Para Martins (2007) “a leitura seria a ponte para um processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo” (p. 25). A autora esclarece, também, que não é qualquer leitura, mas aquela que:

(...) vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura (MARTINS, 2007, p.32).

Já Freire (2011, p. 19) ressalta que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Entende-se que quando as pessoas realmente conhece o mundo elas podem ter mais facilidade para desenvolver sua aprendizagem, ou seja, quanto mais experiências de vida os alunos apresentarem podem ser mais favorecidos em seu desenvolvimento intelectual e pessoal o que lhes possibilitam melhores condições de aprendizagem por ter um repertório amplo de significados de vocabulário e de textos.

Ferreiro (2011, p. 63) destaca que “estamos tão acostumados a considerar a aprendizagem da leitura e escrita como um processo de aprendizagem escolar que torna difícil reconhecer que o desenvolvimento da leitura e da escrita começa muito antes da escolarização”. A autora diz que a aprendizagem da língua escrita não começa na escola. Os alunos começam sua aprendizagem antes mesmo de entrarem na escola. Os professores precisam levar isto em consideração porque o aluno inicia sua aprendizagem desde cedo e este conhecimento precisa ser levado em consideração pela escola. Isto é, nós professores temos de buscar identificar o que os alunos já sabem, valorizando essa aprendizagem que já foram construídas ao longo do tempo, ajudando-os a ampliar seu conhecimento já adquirido e alargar ainda mais esse saber.

E principalmente com as crianças que estão em fase de desenvolvimento, momento de muita curiosidade e questionamentos para saber os significados das coisas; ainda mais as que têm contanto com materiais que lhes proporcionam esse desenvolvimento, como por exemplo, livros, revistas, programas educativos, folhas

para rabiscar e vários outros. E que não é só na escola que as pessoas podem aprender ler e escrever.

Como podemos perceber as crianças aprende na convivência do dia a dia desde que tenham incentivos e acesso àquilo que favoreça sua aprendizagem. Ela só precisa ser preparada para um entrosamento com a leitura e escrita ao iniciar seu processo educativo o que está no relato de Carvalho (2005) a seguir:

Preparar para aprender a ler é principalmente despertar o desejo, a vontade de ler. Melhor do que oferecer à criança desenhos prontos para colorir ou pontinhos para unir é criar um clima de interesse e receptividade em relação à leitura e à escrita (CARVALHO, 2005, p. 53).

A aprendizagem da leitura e da escrita se desenvolve no contato direto com a variedade de gêneros textuais, como por exemplo, jornais, folhetos, livros, revistas e outros textos. O ato de ler “(...) é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra (MARTINS, 2007, p. 7)”. Será que o leitor é apenas um decodificador de letras até nos dias de hoje? Martins (2007) diz que:

Não acredita que só basta decifrar palavras para acontecer à leitura, é preciso uma ligação efetiva entre o sujeito e o objeto, pois só a partir do encontro do indivíduo com o objeto e da sua atenção com este pode provocar determinada reação de modo especial que o leva a vê-lo, enxergá-lo, perceber e dar o sentido então ocorrerá à decifração de tal objeto porque houve uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com a circunstância (p. 7).

O que Martins (2007) traz na citação anterior é muito interessante, pois muitas vezes a variedade de textos que lemos e escrevemos e os acontecimentos que nos cerca, passam despercebidos por não ter nenhuma importância para nós. Só passa a fazer sentido em nossa vida a partir de um encontro pessoal com o objeto tratado nestes textos. Quando se trata da leitura e da escrita, elas só terão sentidos, quando percebemos a importância delas para o desenvolvimento da vida pessoal e das práticas sociais corriqueiras do dia a dia. Carvalho (2005, p. 9) afirma que para produzir bons leitores:

(...) é um desafio para a escola em todas as partes do mundo. Do ensino fundamental ao ensino superior alunos leem mal e não sabe usar livros para estudar. Pais, educadores e editores lamentam que o gosto pela leitura esteja desaparecendo.

Frente ao pensamento de Carvalho (2005) de que alguns alunos leem mal e não sabem usar os livros para estudar. É necessário questionar aqui: será que os professores têm refletido porque isso vem acontecendo? É sabido que existe uma variedade de gêneros textuais para que os alunos aprendam a ler e escrever. No entanto faz-se necessário a mediação do professor que busca familiarizá-los com os vários escritos existentes, possibilitando-lhes o processo de aprendizagem. É com práticas constantes de manusear livros e os vários tipos de textos que podemos despertar no aluno o gosto pela leitura e escrita.

Quando os alunos vivem em ambientes que propiciam o acesso a variedades de gêneros textuais e diferentes materiais que lhes despertem a curiosidade e interesse para manuseá-los estes têm mais possibilidades de desenvolver sua aprendizagem, como podemos perceber na citação de Ferreiro (2011) a seguir:

Imersa em um mundo onde há a presença de sistemas simbólicos socialmente elaborados, a criança procura compreender a natureza destas marcas especiais. Para tanto, não exercita uma técnica específica de aprendizagem. Como já fez antes, com outros tipos de objeto, vai descobrindo as propriedades dos sistemas simbólicos por meio de um prolongado processo construtivo (p. 44).

Percebe-se que leitura e escrita anda lado a lado uma não separa da outra, mas é preciso que os alunos compreendam que para desenvolver bons textos eles precisam ler bem porque quanto mais ler melhor será suas produções textuais, pois quem lê muito se familiariza com os diferentes gêneros textuais, gramática e a variedade linguística para construir os sentidos atribuídos à escrita. Gomes (2011, p.41) propõe aos professores que é preciso “mostrar ao aluno as duas formas que existem de representar à linguagem; a língua escrita e a língua falada” e que a língua falada é mais simples de se compreender porque o autor está diretamente exibindo sua fala e pode esclarecer o não entendido, enquanto a língua escrita exige mais explicitação do que se quer passar ao leitor, pois o escritor não estará presente no momento em que o leitor vai desenvolver a leitura, portanto o texto deve ser de forma clara para que os leitores possam decifrar a sua mensagem sem ambiguidades.

Para Gomes (2001) “o ensino da língua escrita, embora fazendo parte de dois subgrupos, a leitura e escrita é necessário que compreenda que essas são

duas práticas complementares, fortemente relacionadas” (p. 43), pois quando os alunos entram na escola eles já conseguem dominar um bom vocabulário da língua falada. Cabe ao professor ajuda-los a distinguir as diferentes formas de uso da língua, ou seja, da variedade linguística existente e fazer o uso de forma correta ao comunicá-lo, mostrar que cada forma de falar ou de escrever depende do ambiente ou do contexto, se o ambiente exige uma língua formal ou informal. Porque cada lugar exige um jeito de se comunicar, o aluno precisa compreender a forma correta de escrever o que será dito por que às vezes quando fala usa a língua informal, mas na hora de escrever é preciso saber grafar corretamente.

No mundo letrado que vivemos hoje, a escrita é um ato indispensável, pois tudo que realizamos depende da escrita e é uma habilidade que exige empenho, muito esforço para sua prática e está sempre relacionada à leitura porque para escrever bem faz necessária a prática da leitura o que dar suporte aos escritores para obter sucesso em seu desempenho, com mais habilidades e eficácia. Segundo Gomes, (2011) “escrever é necessário no mundo moderno, a automação e a tecnologia da informação tornaram a escrita ainda mais importante nos nossos dias. Hoje, todas as relações se estabelecem pela palavra escrita através dos diversos documentos” (p. 121).

1.2 A EDUCAÇÃO NA VIDA DAS PESSOAS

De um modo geral, a educação escolar orienta os alunos para novos horizontes e abre caminhos para novas descobertas. Neste sentido, saber ler e escrever, tarefa obrigatória da escola, pode ajudar os alunos a se sentirem mais livres para expressarem o que sentem e pensam sobre o mundo, onde tudo necessita de leitura e escrita. E se eles não souberem ler e escrever ficam dependentes contando com o auxílio daqueles que queiram auxiliá-los.

Quando as pessoas vivem em um mundo letrado e não sabem ler e escrever vivem dependentes de outros para executarem suas ações corriqueiras do dia a dia, por exemplo, pegar um ônibus, anotar um recado ao receber um telefonema para alguém, fazer listas de compras, ler uma bula de remédio, ler uma receita de culinária para preparar um prato diferente e várias outras atividades.

Sendo assim, as pessoas leitoras e escritoras não passam por isso e podem “caminhar com suas próprias pernas” além de enxergar o mundo com outros olhos, porque sabem discernir as coisas por si só e não dependem do auxílio de outros para distinguir determinados assuntos, pois quem sabe ler e escrever sabe por onde caminhar.

Referindo-se à leitura e à escrita como processo de liberdade do ser humano, Freire (1987, p. 10), “defende que a educação tem como fundamento libertar a humanidade”, porque a partir que as pessoas leem e escrevem elas passam a conhecer e reivindicar seus direitos e não ficam submissas. Por isso, a educação tem o poder de libertar, ela abra os olhos das pessoas, dando discernimento e capacidade para lutar pelos seus ideais.

Para Bourdieu (2009, p. 99) “os professores deveriam partir dos conhecimentos e das habilidades efetivamente possuídos pelos alunos e fazê-los progredir por meio do uso sistemático de métodos e técnicas de ensino”. Sabendo das evoluções que ocorreram na educação, é importante que o professor busque compreender suas ações em relação à prática educativa para que possam contribuir com o desenvolvimento de seus alunos a partir da sua realidade e suas experiências já concebidas e que estes também compreenda que a partir desses pressupostos possa contribuir para mudar sua realidade.

Porque às vezes o aluno sente dificuldade de desenvolver a leitura e escrita e não está obtendo o rendimento esperado porque o assunto não lhe interessa não tem sentido nenhum para ele então cabe ao professor rever a metodologia de ensino e buscar estratégias mais atraentes, que condiz com a realidade do aluno para despertar o seu interesse de aprender a língua escrita.

A educação é de fundamental importância nesse mundo moderno, onde tudo depende do uso da tecnologia e que exige cada vez mais pessoas competentes, ágeis e habilitadas no desenvolvimento da leitura e da escrita para execução das suas atividades no dia a dia. Pois para estarmos inserido nesse mundo letrado contemporâneo a propagação da leitura e escrita é indispensável para enfrentar às demandas que nos deparamos em nosso cotidiano.

No momento que identificamos a importância que a educação tem na vida das pessoas e problematizamos a complexidade dos alunos em desenvolver a leitura e escrita entre tantas mudanças que vem ocorrendo na sociedade contemporânea, cabe ao professor buscar compreender as mudanças na educação e a realidade do aluno para desempenhar seu papel de forma relevante que leve o aluno aprender e perceber que são capazes de mudar sua realidade por meios de seus conhecimentos adquiridos. E é na busca do professor mediador que os alunos vão compreendendo a importância de desenvolver a leitura e escrita para alcançar seus objetivos e obter sucesso na ampliação de seus conhecimentos.

1.3 A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO À LEITURA E DA ESCRITA

O acesso à variedade de textos pode possibilitar aos alunos manuseá-los e incentivar o desenvolvimento da leitura e escrita. Geralmente, quando o aluno tem acompanhamento dos pais em casa parece que desenvolve melhor a leitura e a escrita. Um exemplo muito claro que podemos perceber em nosso cotidiano, é que filhos de pais que lidam frequentemente com a leitura e a escrita desenvolvem seu processo de aprendizagem mais cedo e com mais facilidade.

Ferreiro (2011, p. 59) afirma que alguns “filhos de pais analfabetos ou semianalfabetos” esperam pelo tempo da escola e sentem mais dificuldades para aprender a ler e escrever. Por outro lado, há alunos de pais nessas condições que, são tão espertos que buscam aprender de uma forma ou de outra até brincando com outras crianças que têm contato com vários tipos de escritos a criança aprendem com elas.

Quando o aluno começa a desenvolver o processo de alfabetização e não tem um bom acompanhamento ou incentivo, ele pode ficar desinteressado sem vontade de aprender a ler e escrever. Para aprender ler bem e compreender o que ler, ou seja, saber decifrar a mensagem em que o autor do texto quer lhe transmitir. Carvalho (2005, p. 66) afirma que:

Hoje nos países em que o analfabetismo já está superado espera-se que a escola desenvolva processo de letramento, isto é, forme indivíduos capazes de usar a leitura e a escrita para fins escolares,

profissionais e culturais. Porque não significa que o indivíduo sabe ler e escrever seja alfabetizado.

Carvalho (2005), na citação anterior, refere que ser alfabetizado não é o suficiente, portanto, a escola precisa desenvolver o processo de letramento para que os alunos compreendam o que leu e escreveu e tornem-se capazes de usar a leitura e a escrita para todas as finalidades, o letramento pode ser entendido como práticas sociais de leitura e escrita que os indivíduos usam no seu cotidiano para saber conviver com o mundo. Cabe à escola trabalhar essa aprendizagem além dos muros da escola e lá fora é o lugar onde vai precisar de muitos conhecimentos para exercer sua cidadania e obter melhores condições de vida.

Segundo Dalle Valle, (2011), o processo de alfabetização é mais do que o simples domínio da técnica de escrever e ler. É o domínio dessas técnicas em termos conscientes que o sujeito domina a leitura e escrita, tem discernimento de ambas e são ágeis e competentes no desenrolar tanto da leitura como da escrita. Uma pessoa alfabetizada hoje é uma pessoa capaz de compreender o que leu e o que escreveu em um texto considerado simples (DALLA VALLE, 2011, p.75 *apud*. FREIRE, 1967).

Para Soares (1998), o conceito de alfabetização está contido no de letramento. O que equivale dizer que letrar é alfabetizar com o sentido e que letramento é de certa forma, o contrário de analfabetismo (DALLA VALLE, 2011, p. 80 *apud*. SOARES, 1998). Em relação ao domínio da comunicação os PCNs (1997) da língua portuguesa afirmam que:

O domínio da língua oral e escrita é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento (p. 21).

Para que os alunos conquistem um bom domínio da língua oral e escrita, é preciso que a escola garanta a eles o acesso aos saberes linguísticos, porque é através do uso eficaz da variedade linguística que eles podem compreender os diferentes gêneros textuais que lhes são propostos pela leitura e escrita e assim

obterem um rendimento satisfatório para seu desenvolvimento educativo. Como podemos verificar nos PCN (1997) que:

Desde o início da década de 80, o ensino de língua portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no país. No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita (p. 19).

Entretanto, parece que o alto índice do fracasso escolar está relacionado à prática de ensino que a escola tem adotado, pois se refere à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e escrever, por outro lado, essas questões têm afetado o desempenho dos alunos em seu processo de escolarização e de aprendizagem.

Carvalho (2005, p. 66) nos diz que “não tendo resolvido ainda o problema da alfabetização universal de sua população, o Brasil tem que enfrentar novas exigências educacionais: formar indivíduos letrados. Como disse Soares (1998) ao explicar o significado da palavra letramento no vocabulário dos educadores”. (CARVALHO, 2005, p. 66 *apud*. SOARES, 1998). Observamos que Carvalho (2005) refere ao discurso que Soares faz em relação à dificuldade de desenvolvimento dos alunos no processo de alfabetização, pois muitos deles não sabem lê, outros leem, mas com pouca qualidade que não consegue interpretar o que leu e se isso acontece é porque não foi alfabetizado como deveria ter sido. No entanto, o Brasil precisa tomar medidas que favoreçam o desempenho de aprendizagem do aluno revertendo essa situação constrangedora do não rendimento no processo de alfabetização. De acordo com (CARVALHO, 2005, p. 67 *apud* SOARES, 1998).

Só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso saber fazer uso do ler e escrever, saber responder a exigências de leituras e de escrita que a sociedade faz continuamente.

É importante que os professores e alunos compreendam que as condições necessárias para aprender a ler e escrever é praticá-las, ter contato com vários gêneros textuais, livros, revistas, jornais rótulos de embalagens, receitas e outros. A prática de leitura e escrita na família incentiva e contribui para o processo

de aprendizagem do aluno como foi dito anteriormente. Carvalho (2010, p. 13) relata que:

(...) em certas famílias, a leitura e a escrita fazem parte da vida cotidiana: jornais e cartas são lidas e comentadas, bilhetes e listas de compras são escritas, cheques são preenchidos. Na maioria das famílias pobres, o ato de leitura e de escrita são raros ou mesmo inexistentes, seja porque as pessoas não aprendem a ler, seja porque suas condições de vida e de trabalho não exigem o uso da língua escrita.

Isto não quer dizer que os filhos das famílias pobres não aprendem a ler e escrever, pois por mais escasso que sejam os materiais escritos e tenha pouco incentivos, hoje todos têm acesso a uma variedade de gêneros textuais. É preciso, portanto, rever a metodologia de ensino, criando momentos de leituras, manuseio de livros, grupos de estudos e projetos na escola, envolvendo todos os alunos e outros voluntários na própria escola.

Os PCN de Língua Portuguesa (1997, p. 25) defendem que diante dos diferentes níveis de conhecimento prévio dos alunos:

Cabe à escola promover a sua ampliação de forma que progressivamente durante os anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir texto eficaz nas mais variadas situações.

Quanto a esses alunos que não têm acesso a livros ou acompanhamentos dos pais em casa para desenvolver sua aprendizagem cabe à escola buscar desenvolver estratégias de ensino que os possibilitem esse acompanhamento para que possam desenvolver de forma coerente seu aprendizado e serem capazes de interpretar o que leu e serem competentes em suas produções textuais. Porque por mais dificuldades que os alunos enfrentam todos são capazes de desenvolver sua cognição. Uns com mais facilidade que outros, uns são mais lentos, mas todos têm condições para desenvolverem competências para aprender ler e escrever.

1.4 CONCEPÇÕES DE LEITURA E ESCRITA

Ainda que a leitura esteja limitada à decifração da escrita para o desenvolvimento da aprendizagem, esta concepção está ligada ao processo de formação global do indivíduo, ou seja, do convívio social deste com o mundo que o cerca. Segundo Martins (2007, p. 22) “o conceito de leitura liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural”. Por mais que tenham ocorrido mudanças no processo educativo, à educação mecânica ainda persiste nos dias atuais em nossas escolas. (MARTINS 2007, p. 23) afirma que:

Muitos professores não conseguiram superar a prática formalista mecânica, enquanto para a maioria dos alunos aprenderem a ler se resume à decoreba de signos linguísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienante.

Martins (2007) menciona aqui que no processo de ensino aprendizagem por mais que tentem mudar os métodos de ensino, muitos professores ainda persistem em continuar com a prática pedagógica tradicional em que os alunos têm de ser fiel aos seus ensinamentos sem muitos questionamentos.

A educação bancária assim chamada por Freire (1987), para muitas escolas ainda prevalece. Quem sabe é o professor. É ele quem transmite o saber enquanto o aluno não sabe nada e que deve aprender simplesmente para aprender, não pode questionar o porquê de aprender e o para quê aprender, o aluno é como se fosse um depósito onde só recebe o que o professor decide lhe repassar.

Em lugar de comunicar-se o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, mero incidências recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única merge da ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 1987, p. 58).

Para obter uma cidadania mais justa faz-se necessário que todos possam ter vez e voz, tanto o professor quanto o aluno, porque a aprendizagem acontece a partir da mediação entre ambas as partes. O professor não é sabedor de tudo, ao interagir com o aluno ele está construindo sua aprendizagem, aprimorando cada vez mais. Mas como está impregnado no método autoritário que até os próprios alunos

estão obcecados também por esta ideia de que o professor é sabedor de tudo e que não pode errar. Então para que aconteçam mudanças é preciso que haja interação do professor/aluno e dos alunos entre si. Para Freire (1987, p. 62), o professor humanista revolucionário:

(...) não há de esperar a possibilidade de uma educação bancária para os educandos se engajarem na luta por sua libertação. Mas na sua ação identificando-se, desde logo com os educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens.

São tantas as teorias que permeiam o processo de ensino aprendizagem e que podem auxiliar os professores em sua função para desenvolver seu trabalho com maior qualidade. Entre essas teorias, o professor pode verificar que há diferentes teorias de aprendizagem, as quais se propõem:

(...) a explicar como a criança aprende por associação (estímulo-resposta), pela ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento (construtivismo), pela interação da aprendizagem com o objeto do conhecimento intermediário por outros sujeitos (sociointeracionista). Essas teorias, que assumiriam adiantariam na formação de professores em diferentes momentos históricos, embasam (ou condenam) certos métodos e técnicas de alfabetização (CARVALHO, 2005, p. 15).

Ainda para Carvalho (2005), as condições inadequadas de ensino, que estamos longe de superar mesmo nas grandes cidades, são turmas numerosas, jornada escolar insuficiente, despreparo dos professores, metodologias inadequadas ou mal aplicadas, material didático desinteressante, falta de bibliotecas e salas de leitura, entre outros.

Sendo a leitura e a escrita um dos pontos mais eficientes para o desenvolvimento dos alunos no processo educacional pode-se dizer que grande parte do baixo rendimento escolar deles se deve a dificuldade de desenvolver essas habilidades.

Para Martins (2007, p. 29) esse é um dos motivos para ampliar a noção de leitura, “vista num sentido amplo, independente do contexto escolar, e para além

do texto escrito, permite compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado das coisas, da experiência”.

A transformação da prática do professor quem ensina e quem tem o controle sobre o objeto de aprendizagem é que se torna difícil, para os mesmos aceitarem a dinâmica das relações sociais dentro e fora da sala de aula. FERREIRO (2011, p. 40) diz que:

O professor não é mais o único que sabe ler e escrever na sala de aula, todos podem ler e escrever, cada um ao seu nível; as crianças que ainda não estão alfabetizadas podem contribuir com proveito na própria alfabetização e na dos seus companheiros, quando a discussão a respeito da apresentação escrita da linguagem se torna prática escolar.

Dar condições ao aluno para realizar sua própria aprendizagem quer dizer que a escola deve propiciar meios para compreender a importância da aprendizagem, bem como manter o diálogo com os leitores para que estes construam os significados dos próprios textos que lhes são apresentados.

A função do educador não seria precisamente de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo e as exigências que a realidade lhe apresente (MARTINS, 2007, p. 34).

A leitura e a escrita são duas práticas inseparáveis, lendo algo à escrita está presente, se é para registrar alguma coisa, exige-se a leitura, portanto, uma está sempre em função da outra. Gomes (2005, p. 43) afirma que “os professores deparam com duas questões importantes no processo de aprendizagem da língua materna na escola: a primeira é a língua falada e a segunda é a modificação da língua”. Que a crianças têm uma formação linguística construída no seu desenvolvimento com a família e que esta influenciará no desenvolvimento da sua escrita, enquanto a segunda se transformará com o passar dos anos em que a criança vai apropriando dos diferentes gêneros textuais, adquirindo novas formas linguísticas.

A escrita é um ato complexo que exige dos alunos habilidades, atenção muita concentração para desempenhá-la, exige um vocabulário amplo, domínio dos significados das palavras e capacidade na decifração das letras para uma produção de textos coerentes e eficazes. Sendo assim, “escrever é uma das atividades mais

complexas que o ser humano pode realizar” (GOMES, 2005, p. 118), pois requerem dos indivíduos muita atenção e raciocínio rápido para sua expressão. O conhecimento amplo dos códigos é indispensável para a produção escrita, entretanto, os indivíduos precisam familiarizar-se com as diferentes variedades linguísticas para produzirem textos coerentes que atenda aos requisitos exigidos pela escrita.

Escrever exige esforço e muita força de vontade dos alunos, pois não é um ato que nasce com as pessoas e nem acontece espontaneamente, mas é adquirido na convivência social e na escola. Quem deseja aprender a escrever precisa ampliar sua prática de ler, adequando sua execução de forma harmoniosa e coesa.

Portanto é recomendável a prática da leitura e escrita juntas, porque uma precede a outra, no entanto a formação de alunos leitores e escritores competentes exige a prática de ambas para atender as exigências da sociedade contemporânea.

1.5 PRÁTICAS DA LEITURA E DA ESCRITA

Compreendemos a leitura e a escrita como processos complexos que envolvem o desenvolvimento intelectual dos alunos, exigindo, assim, uma construção ampla dos seus sentidos e significados.

Por envolver processos de percepção, memória, inferência, dedução, processamento, estratégias, a leitura constitui-se como uma atividade cognitiva por excelência. Com base em Oakhill e Gamham (1988), Ferreira e Borges (2002, p. 5) afirmam que ler é extrair significado, sendo a compreensão o propósito básico da aprendizagem da leitura. Já Carvalho (2005, p. 10) diz que:

Há autores que descreve a leitura como uma espécie de dialogo, uma troca, uma interação entre leitor e o autor (modelo interativo de leitura). Nesse processo o leitor, constrói os significados do texto e os compreende. Repare que se diz construir e não captar os significados.

Como refere Carvalho (2005) é nesse diálogo que o leitor vai interagindo com o autor e construindo os significados do texto, pois quando o leitor pratica a leitura, ele adquire uma familiaridade com os diferentes tipos de textos o que lhe propiciam habilidades na construção dos significados dos textos, não sendo mero captador, mas apto em descobrir as relações entre significados do texto e a sua representação escrita.

A “leitura é mais eficiente quando os leitores conhecem as convenções, as características, o tipo de estrutura própria do texto” (CARVALHO, 2005, p. 10). Para o aluno desenvolver habilidades de leitura e escrita faz-se necessário o convívio com diferentes gêneros textuais a partir do que forem se apropriando no ato de ler e de escrever. O aluno que pratica a leitura tende a desenvolver suas habilidades de escrita com mais facilidade, pois ao ler está construindo vocabulário mais amplo o que lhe proporcionam um grande avanço na aprimoração dos significados textuais.

De acordo com os PCN (1997) de Língua Portuguesa, “a capacidade de decifrar o escrito é não só condição para a leitura, mas um saber de grande valor social” (p. 28), pois sabendo decifrar o que se leu o sujeito poderá adquirir independência e ser capaz de distinguir por si só sem necessitar do auxílio de outras pessoas para servir de intermediário. Esse rito de passagem é de sair da posição de dependente para independente, de poder usufruir de conhecimentos que o torna um ser autônomo com mais entendimento para melhor lidar com o meio em que está inserido.

O trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática da leitura, espaço de construção da intextualidade e fonte de referência modelizadoras. A leitura por um lado nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro lado, contribui para a constituição de modelos: como escrever (BRASIL, 1997, p. 40).

É sabido que a leitura dar suporte ao leitor para um desenvolvimento ativo na construção de significado do texto e não ser apenas receptor, mas capaz de compreender a informação que o autor quer passar e desenvolver produtivamente sua criatividade como agente transformador. Assim:

Uma prática constante de leitura na escola pressupõe um trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato. Diferentes objetivos exigem diferentes textos e, cada qual, por sua vez, exige uma modalidade de leitura (BRASIL, 1997, p. 40).

Referindo a citação acima, cada gênero textual exige do leitor modalidades de leitura distintas. Uns exigem mais esforço do leitor e outros menos para compreendê-lo, os que são de fáceis compreensões exigem menos dedicação e aqueles que exigem mais atenção requer mais delicadeza do leitor, para decifrá-lo. Por isso para construir bons leitores e escritores é preciso desenvolver nos alunos a capacidade de ler e compreender o que se ler para que estes sejam competentes em suas leituras e produções textuais.

Os PCN de Língua Portuguesa (1997) defendem que o “trabalho de produção de texto também é significativo na formação de escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes” (p.47). Ao desenvolver a escrita, o aluno vai compreendendo as características, os objetivos, os diferentes gêneros que cada texto possui, adquirindo, assim, uma compreensão ampla da grafia, ou seja, compreende melhor como desenvolver a escrita. Em se tratando da prática da leitura e da escrita para formação de cidadãos competentes e aptos em seu processo educativo, a leitura e a escrita são de suma importância, para que os alunos possam transformar-se em:

Cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se forma bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático e apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes (BRASIL, 1997, p. 41).

Percebe-se que para uma boa formação de leitores e escritores é preciso que estes tenham contatos diários com textos diversificados para o

desenvolvimento de seu intelectual e de suas habilidades porque quando o sujeito possui a prática de leitura e escrita este se apropria melhor desses recursos para sua desenvoltura em seu processo de aprendizagem, ampliando seu repertório dos diferentes caracteres textuais e se posicionando adequadamente em relação ao desenvolvimento da leitura e escrita. Portanto é indispensável o ato de ambas para que obtenha leitores e escritores ágeis e competentes.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DE PESQUISA

A decisão e escolha da metodologia da pesquisa deram-se pela necessidade do contato direto com o objeto de pesquisa que identifica os fatores que dificultam o processo de aprendizagem da leitura e escrita dos alunos do 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental da Escola Municipal da rede pública do Povoado de Santa Luzia no Município de Carinhanha – BA. Por isso, é importante destacar a concepção de pesquisa qualitativa e descrever o contexto, os participantes e os instrumentos utilizados para a análise e discussão dos dados.

Tratando de uma pesquisa qualitativa que se “atém apenas a unidade investigada e por isso pode utilizar simultaneamente vários instrumentos de coleta de dados sem dar a eles um tratamento estatístico” (MEKSENAS, 2002, p.123). Para este mesmo autor, os dados coletados neste tipo de investigação:

(...) são qualitativos porque não há preocupação com a generalização das conclusões obtidas a partir do exame da realidade abordadas. Não é possível utilizar uma explicação localizada para compreender outra realidade que não fora abordadas num estudo de caso. Ou seja, não se busca um tratamento estatístico e o estabelecimento de probabilidade, pois o objetivo do pesquisador é compreender o seu caso particular e específico sem se preocupar em buscar leis aplicáveis a qualquer outra realidade semelhante (MEKSENAS, 2002, p.122).

No entanto, optei pela abordagem qualitativa na qual o pesquisador tem a preocupação de compreender o objeto de estudo em uma determinada localidade e não abranger a todas as áreas, porque ficaria muito extenso e levaria mais tempo para conseguir todos os dados para analisar e concluir a pesquisa.

Dessa forma, as questões a serem investigadas têm como objetivo compreender os fenômenos em sua complexidade e em seu contexto natural, porque este “caráter qualitativo do depoimento conduz o pesquisador ao trabalho com as concepções de mundo e os investigados capazes de explicar aspectos de suas práticas e das interações sociais passadas e presentes” (MEKSENAS, 2002, p.130). Meksenas (2002) ainda afirma que:

A entrevista não diretiva, semiestruturada ou, como preferem outros, não padronizadas é aquela que caracteriza o depoimento em métodos qualitativo: abordar o tema da pesquisa com entrevista que, apesar de seguir elaborado previamente e com subtemas do interesse do pesquisador, garante aos sujeitos pesquisados uma livre manifestação de pensamento e de opinião (p. 131).

Nesse sentido, esse método se torna bastante eficiente na compreensão dos fenômenos a serem investigados, “pois o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele possui e que no fundo são verdadeira razão da entrevista” (MEKSENAS, 2002, p. 132).

No relacionamento estabelecido entre professor e aluno instiga-se a observação para o investigador que assume o papel de indagador no contexto da pesquisa. Gonsalves (2001) relata que:

(...) está cada vez mais evidente que num processo de pesquisa, o investigador interage com o sujeito e é dessa interação que os dados são produzidos. Nessa perspectiva, descobre-se o sujeito-investigado como sujeito produtor da realidade e de conhecimento (p. 69-70).

A pesquisa qualitativa preocupa-se em desenvolver habilidades que propiciam o favorecimento das interferências socioculturais tanto do sujeito produtor da realidade e de conhecimento como do pesquisador. Em que o estudo de caso é a abordagem metodológica propicia ao desenvolvimento de investigação. “A realidade investigada seria, portanto construída pela interação entre os sujeitos pelas trocas que conferem significados as mutantes configurações sociais” (GONSALVES, 2001, p. 70).

A teoria no estudo de caso não deve converter-se num modelo rígido_ como uma “camisa- de- força” _ mas por outro lado, também não é dispensável. Sem as referências teóricas que são construídas

antes mesmo do momento da pesquisa, não é possível realizar um estudo de caso (MEKSENAS, 2002, p. 124_125).

Segundo Meksenas (2002, p. 124-125), a partir do campo escolhido e a obtenção dos dados, o pesquisador pode fazer uma análise sistemática dos dados coletados e assim revelar por meio de registro as suas observações e entrevistas que foram realizadas no decorrer do estudo de pesquisa e o que foi revelado pelo pesquisador nessa busca.

Os dados imediatos da experiência pudessem apreender, de forma direta, a realidade, “os procedimentos analíticos seria dispensáveis”. Como isso não ocorre, continua o autor, “os procedimentos analíticos servem de instrumentos e de guia à nossa capacidade de percepção e inteligência do próprio mundo em que vivemos e das bases reais do nosso comportamento” (MEKSENAS, 2002, p. 132, *apud*. FERNANDES, 1986).

2.1 UNIVERSO DE PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada numa escola pública de ensino fundamental onde trabalho como docente desde 2001. Ela encontra-se localizada no Povoado de Santa Luzia, no Município de Carinhanha -BA e atende a 300 alunos, distribuídos em 16 turmas, nos períodos matutino, vespertino e noturno da educação infantil ao 9º ano do ensino fundamental.

A unidade escolar fica a 40 km da Sede e foi inaugurada em 10/03/1981, para atender aos alunos que residiam aqui e nas localidades vizinhas que não tinham escola próxima.

Um jovem morador da comunidade nos contou em seu depoimento que esta escola se iniciou com uma “latada” de lona em que a primeira professora foi à ex-prefeita e mais tarde outras duas moças que moravam aqui no povoado e que procuravam ajudar as famílias que não tinham escolas para matricular seus filhos. Então estas famílias optaram pelas moças que já eram alfabetizadas para ensinar seus filhos. Vendo a necessidade de colocá-los na escola, os pais se reuniram e foram procurar o prefeito da cidade de Carinhanha na época para solicitar uma

escola para o povoado, um dos pais doou o terreno que construiu a escola e com o tempo foi ampliando-a para atender a população que ia crescendo e que não tinha escola próxima de sua localidade, elas iam procurar o povoado para matricular seus filhos na escola.

E com o passar dos anos foram chegando mais recursos para a escola para atender outras modalidades de ensino que no início só era o processo de alfabetização com professores contratados pela prefeitura da Sede. Os pais ajudavam no aluguel da casa e nas despesas com alimentação para os professores virem para o povoado. Alguns pais se ofereciam para receber os professores em suas casas para não deixar os filhos fora da escola, assim puderam dar início a outras séries aqui mesmo no povoado; no ano de 1994 começou a 5ª série e nos anos subsequentes iam conseguindo mais séries para atender aos alunos que ia passando de ano e que permaneciam no povoado por não ter condições para ir estudar em outras localidades que oferecia a sua escolaridade. E com as dificuldades de recursos financeiras muitas famílias tiveram de ir embora para outras regiões em busca de melhores condições de vida. Ficando apenas aqueles que tinham alguns recursos para continuar aqui como, por exemplo, um terreno e algumas criações que não podia desfazer. E então estes ainda permaneceram, mas optando pela extração da madeira para o carvão, atividade que durou um bom tempo, mas agora está difícil devido à extinção de madeira.

As principais atividades dos moradores eram a agricultura e a pecuária que exerciam em regime familiar. Como até hoje muitos dos trabalhadores são proprietários de terras cultivavam milho, feijão, arroz, algodão, mandioca, batata doce, melancia e outros. E os que não possuíam terra trabalhavam em terra alheias arrendada ou vendendo dia de serviço.

Na década de 90, devido os anos de seca e a perda de lavouras, muitos moradores migraram para outras regiões em busca de melhores condições de vida. Os que aqui permaneceram tiveram de trabalhar na extração do carvão, como foi dito no parágrafo anterior. Nessa época, ainda não tinham os programas do governo federal que ajudavam os pais a manterem os filhos na escola e muitos acabavam tirando os filhos da escola porque não tinham condições de manterem estudando.

A partir de 1993, começaram aparecer os benefícios do governo federal, como: aposentadoria, salário maternidade e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) para os agricultores, com isso além de melhorar economicamente as condições sociais das famílias carentes, trouxe melhoria para o campo da agricultura favorecendo também as condições dos pais para manter os filhos frequentando a escola.

No ano 2000, surgiram os benefícios do Programa Bolsa família melhorando ainda mais as condições sociais das famílias do Povoado de Santa Luzia, contribuindo para baixar o índice de analfabetismo que era bastante elevado.

A escola que investigamos possui uma área de construção não definida, mais bem ampla adequada ao atendimento das necessidades dos alunos. Possui como recursos pedagógicos uma biblioteca, uma sala de informática com 10 computadores, apenas cinco funcionam e os outros estão isolados sem uso, uma televisão de 29 polegadas, um aparelho de DVD, um duplicador a álcool, uma xerocopiadora e uma impressora.

São recursos que auxiliam os professores e alunos no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem, mas que fica a desejar; no caso dos computadores deveria está funcionando todos e com internet porque apenas cinco funcionam e quatro com internet o que poderia possibilitar aos professores e alunos fazer pesquisas para melhor desenvolver seu trabalho. Pois quando é para fazer uma pesquisa à biblioteca não tem livros necessários para esse fim, e se não disponibiliza os computadores com internet esse trabalho se torna mais difícil ainda.

É necessário também alguém capacitado, ou seja, de profissionais dessa área para ensinar não só os alunos como os professores também para melhor desempenho de suas atividades docente. Porém nem mesmo os professores consegue manusear os computadores, imagine para interagir com os alunos na hora de realizar um trabalho buscando informações na internet.

2.2 O CORPO DOCENTE

Atualmente, o corpo docente conta com 14 profissionais, sendo que 05 professores destinam-se às classes de 1º a 5º ano e 06 professores e mais um intermediário dos 05 primeiros atendem do 6º ao 9º ano. O Diretor tem Psicopedagogia. É Licenciado em Matemática com especialização em Gestão e Coordenação Escolar, Matemática Financeira, Estatística e Metodologia da Língua Inglesa. A Vice-diretora é Pedagoga com especialização em Gestão e Coordenação Escolar, uma Coordenadora Pedagógica que é, também, Psicopedagoga e Graduada em Letras Vernáculas. Três professores são, pedagogos e uma possui especialização em Física. Há mais cinco professores, graduando-se em fase de conclusão do curso de Pedagogia, dois professores, estão em formação de Matemática e dois professores cursam Geografia.

Dos professores do corpo docente desta escola, quatro deles residem no povoado e o restante desloca da Sede para atender a demanda dos alunos nesta localidade, ou seja, deixam suas casas na sede para lecionar na zona rural. Esta unidade escolar atende aos alunos que em sua maioria geralmente depende dos Programas do Governo para que permaneçam na escola, por exemplo, Bolsa Família, Bolsa Escola e o transporte escolar que dar acesso aos alunos à escola. Todo o corpo docente sempre procura trabalhar juntos principalmente os professores dos anos iniciais do ensino fundamental.

2.3 OS ENTREVISTADOS

Levando em consideração a importância do ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental é essencial à participação dos professores que atendem estes alunos dos anos iniciais, durante a pesquisa foram escolhidos 04 professores, sendo uma professora do 2º ano com mais ou menos 35 anos de idade e 12 anos de experiência no Magistério, cursando Pedagogia já em fase de conclusão de curso; uma professora do 3º ano com mais ou menos 30 anos de idade e 09 anos de experiência no Magistério, cursando Pedagogia já em fase de conclusão de curso; um professor do 4º ano com mais ou menos 38 anos de idade e 09 anos de experiência no Magistério, com especialização em História e Cultura Afro; e a coordenadora pedagógica da escola com mais ou menos 34 anos de idade

e 10 anos de experiência no Magistério, incluindo 01 ano de coordenação na escola. É, também, Psicopedagoga e Graduada em Letras Vernáculas.

2.4 OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos de coleta de dados foram uma entrevista semiestruturada, cujo, roteiro de questões encontra-se anexado nesse trabalho com os professores em relação à prática de leitura e escrita para seu desempenho na docência e o desenvolvimento de seus alunos enquanto ao ato de ler e escrever. Câmera digital para gravação, mas não foi possível porque os professores recusaram fazerem à gravação, sendo assim, as entrevistas foram apenas transcritas no diário de campo.

2.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Como já disse no item anterior, a coleta de dados foi realizada com base em roteiro de questões para o desenvolvimento da entrevista. Antes disso, entrei em contato com a direção da escola e solicitei a permissão para que pudesse coletar informações sobre a escola e os professores. O diretor aceitou, conversei com os professores todos se dispuseram a responder às questões, desde que não fossem gravadas.

Com roteiro pronto, entrevistei os professores, solicitei o Projeto Político Pedagógico da escola, mas o pessoal da escola não encontrou. Prometeram-me que iam procura-lo, mas não consegui obtê-lo. Também procurei o documento na escola para saber um pouco sobre sua história, mas não foi possível. A resposta que tive foi que a escola não tinha a documentação. Até entrevistei a ex-prefeita em uma reunião, questionando sobre essa documentação que a escola não tinha, mas acabei ficando sem a informação do mesmo jeito porque conseguiram pegar a minha câmera digital em casa.

Assim que terminado o roteiro de perguntas para coleta de dados, entrei em contato com os entrevistados que precisava dar continuidade a minha pesquisa.

Enquanto começava o desencadeamento para o processo de coleta de dados na escola escolhida para realização da pesquisa, comecei a verificar a aceitação do diretor da escola e dos professores para contribuir com a minha pesquisa foi muito bem, todos se colocaram à disposição. As questões do roteiro foram iguais para todos os entrevistados.

O que me surpreendeu é que os professores não aceitaram fazer a entrevista gravada, com muita dificuldade encontrei o instrumento para gravação, mas não foi possível gravar, no entanto a entrevista foi apenas transcritas para a análise dos dados.

2.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Ao analisar os dados propomos relacionar as respostas dos professores que obtivemos com tudo que aprendemos nesse estudo de pesquisa, como o professor deve proceder diante das dificuldades dos alunos em relação ao desenvolvimento da leitura e da escrita. Foi com esta proposta que formulamos o roteiro de questões para entrevista dos professores (Apêndice número 1). Para que nos subsidiasse na compreensão do desempenho dos professores em relação ao desenvolvimento da leitura e da escrita para contribuírem com a formação de leitores e escritores competentes e apitos para enfrentar esse mundo contemporâneo onde sobressai melhor quem tem competência e habilidades para lidar com as demandas propostas por esse mundo letrado de tantas exigências de capacidade e competitividade.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tratamos da análise dos dados neste capítulo deste estudo de pesquisa e procuramos discutir os resultados obtidos com o intuito de compreender o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita com os alunos do 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental da escola pesquisada no Povoado de Santa Luzia do

munícipio de Carinhanha_BA, a partir dos dados coletados nas entrevistas realizadas com os colegas professores foram organizadas em categorias.

A prática de leitura e escrita proporciona habilidades ao aluno para compreender a sua realidade e ampliar seu conhecimento para melhor relacionar com o mundo que o cerca. Levando em consideração que a prática da leitura e escrita é fundamental para o desenvolvimento tanto social como afetivo do aluno faz-se necessário que o professor dê mais ênfase a essa prática em seu processo de ensino aprendizagem.

Iniciamos a análise dos dados neste capítulo, trabalhando com a categoria: A prática de leitura e escrita dos profissionais da educação participantes deste estudo. Nela, procuramos compreender o que efetivamente fazem os três professores e a coordenadora pedagógica em relação à leitura e à escrita com os alunos do 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental nesta escola.

3.1 A PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DESTE ESTUDO

A discussão dos dados sobre a prática de leitura e escrita dos professores participantes deste estudo nos diz que quando perguntamos a eles se gostavam de ler e escrever:

Entrevistada nº 1 gosto.

Entrevistada nº 2 sim gosto.

Entrevistado nº 3 às vezes.

Entrevistada nº 4 sim.

É possível observar que todos os profissionais responderam positivamente que gostam de ler e escrever. Os três primeiros entrevistados foram os professores e a quarta, a Coordenadora pedagógica. Essa ordem foi mantida em todas as categorias para facilitar a compreensão do texto. Eles gostam de ler e escrever, apenas um afirma que às vezes gosta de ler e escrever, mas não justificou sua resposta. Considerando a resposta do professor nº 3; como pesquisadora

poderia ter aprofundado a investigação, explorando quais os momentos que gosta de ler e o que não gosta de ler, mas quando um questionamento está fora do roteiro de entrevista muito das vezes, coisas importantes acabam passando despercebidas.

Percebe-se que todos leem principalmente por está exercendo uma função que exige inovação, muito esforço e dedicação para manterem informados e capacitados para lidar com destreza com os obstáculos que surgem constantemente no processo de ensino aprendizagem. Segundo PCN (1997) “um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente” (p. 41).

Nas observações, podemos verificar o quanto esses professores ficam abarrotados de atividades: relatórios, planejamentos, preenchimento de diários de classe e boletim de alunos. São muitas tarefas além das aulas que os professores precisam dar conta. Percebemos que não sobra tempo para os professores praticarem a leitura e a escrita que poderiam dar suporte para enfrentar a demanda da sala de aula. É sabido que algumas dessas atividades são feitas pela secretaria. Entretanto, como não temos secretários, sobram para os professores alguns dos afazeres que são de responsabilidade da secretaria, e com isso os professores ficam sem tempo para desenvolverem suas leituras para desenvolver seus planejamentos com mais criatividade.

No entanto é preciso que os professores disponibilizem de um tempo para que possam desenvolver leituras e escritas para ampliar seus conhecimentos e ganhar mais experiências para o desempenho da docência, e obterem mais aproximação com os demais profissionais da sua área para refletir criticamente e melhorar seu desempenho tanto pessoal como profissional. Sabemos que quando há situações difíceis de entender e que quando são colocadas em discussões no grupo de colegas as soluções podem surgir com mais facilidade. É o que está precisando acontecer na educação, ou seja, mais união entre os profissionais da educação para solucionar as dificuldades dos alunos em relação ao desenvolvimento da leitura e da escrita. Carvalho (2005, p. 47) afirma que:

Quando as pessoas se inicia na tarefa de ensinar, ter a seu lado alguém para trocar ideias e discutir problemas costuma ser um auxílio precioso. Mesmo depois de possuir experiências, uma boa

prática é unir-se a um ou mais colegas (...) para fazer um trabalho coletivo de reflexão e crítica.

Como a primeira, a segunda questão é também bem objetiva. Nela, buscamos compreender por que os professores leem e escrevem?

Entrevistada nº 1 para adquirir mais conhecimentos.

Entrevistada nº 2 para aperfeiçoar meus conhecimentos.

Entrevistado nº 3 para melhoria dos meus alunos.

Entrevistada nº 4 para adquirir conhecimento.

Observamos nas respostas de quase todos os professores que leem para adquirir, conhecimentos, já o entrevistado nº 3 afirma que lê para melhorar a docência para seus alunos, pois quando leem, estão adquirindo mais conhecimentos; para se informar e melhorar o desempenho de sua função enquanto professor. Para Martins (2007, p. 17) “a leitura dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modifica-lo à medida que incorporamos experiências de leitura”. No entanto, quem pratica a leitura e a escrita só tem a ganhar, pois amplia seu conhecimento cada vez mais, além de estar informado do que está acontecendo a sua volta e no mundo.

Em relação à escrita é importante lembrar que podemos ser bons escritores, quando dedicamos à leitura de bons livros que tomamos como exemplos os vários tipos de textos escritos por autores competentes para produzir nossos textos, e buscamos compreender o que lemos e interpretarmos relacionando-se com outros textos já conhecidos tentando compreender o que o texto está discutindo. Vamos assim conseguindo realizar boas produções textuais. Os PCN (1997) da Língua Portuguesa afirmam que:

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever (p.48).

3.2 QUE TIPO DE LEITURA E ESCRITA, OS PROFESSORES DESTE ESTUDO COSTUMAM REALIZAR?

De acordo com os depoimentos dos professores e da coordenadora pedagógica abaixo, podemos verificar que eles preferem gêneros textuais considerados clássicos. Entre eles, os literários e os informativos:

Entrevistada nº 1 - textos infantis, contos historinhas, jornais etc.

Entrevistada nº 2 - contos, histórias infantis.

Entrevistado nº 3 - textos e contos.

Entrevistada nº 4 - jornais, revistas, documentos, contos etc.

Todos os participantes mencionam a maioria dos gêneros textuais relacionados à prática pedagógica, tais como: textos informativos e, narrativas literárias. Verificamos nas respostas que todos realizam leituras, alguns com mais variedade de gêneros textuais e outros menos, sabemos que para desenvolver leitura e a escrita e formar bons leitores e escritores é preciso manter contato constantemente com uma variedade de gêneros textuais que lhes possibilitam o desenvolvimento intelectual para conquistar a autonomia enquanto leitores competentes. Ferreiro (2011) afirma que:

Os adultos fazem anotações, leem cartas, comentam os periódicos, procuram um número de telefone etc. Isto é, produzem e interpretam a escrita nos mais variados contextos. É evidente que por si só, a presença isolada do objeto e das ações sociais pertinentes não transmitem conhecimento, mas ambas exercem uma influencia, criando as condições dentro das qual isto é possível (FERREIRO, 2011, p. 44).

Estamos vivendo no mundo onde à presença constante dos mais variados tipos de contextos escritos podem proporcionar aos alunos familiarização e um desempenho mais satisfatório em seu processo de aprendizagem.

Em relação à questão: Quanto tempo os profissionais participantes têm se dedicado à leitura? Observamos respostas também interessantes:

Entrevistada nº 1 difícil delimitar o tempo sempre estou procurando ler alguma coisa, nos momentos vagos.

Entrevistada nº 2 quando surge um tempo sempre procuro ler alguma coisa.

Entrevistado nº 3 uma hora, uma hora e meia.

Entrevistada nº 4 sempre que posso, desde quando estudava o 1º e o 2º grau.

Quantificar o tempo dedicado à leitura, a maioria dos participantes não conseguiu precisar de forma exata o tempo reservado à leitura, apenas um quantificou o tempo de uma hora e uma hora e meia, ficando assim a maioria com tempo de estudo em horas vagas, procurando estudar em tempos livres.

Considerando a hipótese de estudar quando tiver um tempo vago, dificilmente o professor vai conseguir, pois quando não é uma “coisa” é outra, então é preciso arrumar um tempo apropriado para o momento de estudo como profissional da educação, porque cabe ao professor buscar novos conhecimentos, fazer novas descobertas para abrir novos horizontes e ampliar seus conhecimentos e melhorar o desempenho de suas ações.

Como salienta Freire (2011, p. 31) “a importância do ato de ler, implica sempre percepção crítica interpretação e “reescrita” do lido.” Entretanto ao desenvolver a leitura, os indivíduos só tendem a alargar seu repertório de conhecimento e obter melhores condições para exercitar a leitura e escrita. E especificamente aos professores mais desenvoltura na execução de seu trabalho de docência.

Ao coletar as informações essenciais para caracterizar as práticas de cada professor, observamos que atingimos mais um dos nossos objetivos. Você planeja atividades de leitura e escrita para sua docência?

Entrevistada nº 1 sim.

Entrevistada nº 2 sim.

Entrevistado nº 3 sim.

Entrevistada nº 4 sim.

Todos entrevistados tiveram a mesma resposta sem dar ênfase as suas respostas. Às vezes diante de respostas assim tão diretas sem argumentos surgem dúvidas diante de tantas ocupações? Carvalho (2005) afirma que “(...) as professoras não têm tempo, ou têm muito pouco tempo para estudar, ler e trocar ideias com seus pares. Não têm tempo porque ganham mal e trabalham muito” (CARVALHO, 2005, p. 138).

Então é preciso que essas situações sejam reivindicadas para que não afetem as condições de trabalho dos professores e muito menos venham prejudicar o desenvolvimento de aprendizagem dos alunos. Pois o que está em jogo é a aprendizagem dos alunos que precisa do trabalho competente e responsável dos educadores.

Quando perguntamos aos nossos participantes: Que tipo de leitura costuma fazer com seus alunos? As respostas foram também muito objetivas. Vejam os depoimentos a seguir:

Entrevistada nº1 textos infantis, historinhas.

Entrevistada nº 2 contos, livros infantis e fábulas.

Entrevistado nº 3 leitura de conto.

Entrevistada nº 4 leitura do livro e das atividades feita na sala.

Analisando os tipos de textos utilizados pelos entrevistados em sala de aula para realização de leitura com seus alunos percebemos que a maioria é literários, o que pode proporcionar bastante o desenvolvimento do aluno e despertar seu interesse, pois a literatura infantil tem esse poder de despertar a curiosidade não só das crianças mais dos adultos também, desenvolver o imaginário levando-os a querer descobrir o que está escrito, desenvolvendo assim o gosto pela leitura e até despertar o desejo de escrever alguma coisa também, como por exemplo, mudar a versão da história de dar outro final para o texto.

No entanto é de suma importância o desenvolvimento de leitura e escrita com textos literários não esquecendo que a variedade de gêneros textuais possibilita a formação do aluno leitor. A entrevistada nº 4 refere-se à leitura de livros, apesar de não especificar quais livros e atividades feitas em sala de aula, sabe-se que só isso

não é suficiente para despertar o gosto dos alunos de hoje pela leitura, que são bombardeados de outros estímulos visuais e sonoros.

Todos sabem que o desenvolvimento da leitura nos anos iniciais é de fundamental importância, por isso cabe ao professor enfatizar essa prática para propiciar aos alunos experiências significativas com a leitura e a escrita para desenvolver o gosto da leitura por prazer e não por mera obrigação. Segundo Carvalho (2005, p. 67) “não se ensina a gostar de ler por decreto, por imposição, nem se forma letrados por meio de exercícios de leitura e gramáticas rigidamente controlados”.

Porque para formar bons leitores é preciso buscar estratégias adequadas ao desenvolvimento de aprendizagem dos alunos como, por exemplo, menciona Carvalho, (2005) “ofertas abundantes de variados materiais escritos e a instalação de bibliotecas e salas de leitura bem equipadas, dinamizadas por bibliotecários”; para propiciar aos alunos condições melhores de aprendizagem e que seja de forma prazerosa e não forçada a trancos e barrancos.

Em relação à questão: Como você tem incentivado seus alunos a lerem? Os profissionais responderam que:

Entrevistada nº1 formando o cantinho da leitura.

Entrevistada nº 2 trazendo prática que desperta o gosto pela leitura.

Entrevistado nº 3 com leitura coletiva e individual.

Entrevistada nº 4 através da própria tarefa realizada em sala de aula.

Percebe-se que a maioria das respostas dos entrevistados sobre o incentivo da leitura acontece no decorrer das atividades em sala de aula. Apenas a professora nº 1 aponta o cantinho da leitura para incentivar os alunos em relação à leitura. O que pode estar auxiliando a socialização dos alunos com os colegas das leituras feita em casa ou até mesmo na sala de aula, é muito importante que construa esse espaço para a confraternização da leitura, dessa forma os alunos podem adquirir o gosto pela leitura e de forma harmoniosa.

Como afirma Ferreiro (2011, p. 40) em uma experiência pedagógica de Ana Teberosky, que: “as crianças que ainda não estão alfabetizadas podem contribuir em sua própria alfabetização e na de seus companheiros, quando a discussão a respeito da representação escrita da linguagem se torna prática escolar”.

Quando os participantes deste estudo discutiram que tipos de textos seus alunos costumam escrever? Mencionaram produções clássicas também de acordo com os depoimentos a seguir:

Entrevistada nº 1 produção de texto através de desenho.

Entrevistada nº 2 contos e outros.

Entrevistado nº 3 contos.

Entrevistada nº 4 resumo, produção de texto.

Observamos que as respostas dos entrevistados nº 2 e 3 que seus alunos costumam escrever contos e um deles menciona contos e outros. O nº 1 aponta a produção apenas através de desenho, por mais que seja iniciante, os alunos do 2º ano já conseguem desenvolver algo escrito. É preciso que o professor trabalhe com eles a produção escrita, aceitando o jeito que eles vão tentando desenvolvê-la, e começando aprimorar suas hipóteses escritas. Já o nº 4 diz que seus alunos desenvolvem resumos e produções de textos, o que proporciona aos alunos a desenvolver e aprimorar seu processo não só da escrita, mas da leitura também.

Em relação à produção através de desenho, é preciso conscientizar de que já está mais do que na hora de crianças do 2º ano estar desenvolvendo produção escrita, isso não quer dizer que não possa produzir textos com desenhos, mas é preciso aprender escrever também, mesmo que não sabem mais é na prática que se aprende como diz Freire (2011, p. 63) “praticar sempre para aprender e aprender para praticar melhor”. Também podemos ver no relato de Ferreiro (2011) que:

(...) as produções escritas das próprias crianças. Até a poucos anos as primeiras tentativas de escrever feitas pelas crianças eram consideradas meras garatujas, como se a escrita devesse de começar diretamente com letras convencionais bem traçadas. Tudo o

que ocorria antes era simplesmente considerado como tentativas de escrever e não como escrita real. Na melhor das hipóteses, era considerada como atividade puramente gráfica, relevante para a verdadeira escrita apenas na medida em que condizia a um crescente controle dos instrumentos e espaço gráficos (FERREIRO, 2011, p. 67).

Entretanto é a partir das garatujas que as crianças começam desenvolver sua escrita e a partir da sua interação com o conhecimento da língua escrita que vai aperfeiçoando seus traços gráficos e especialmente, suas hipóteses do funcionamento da língua escrita.

A respeito da opinião dos participantes sobre seus alunos e o interesse deles para ler e escrever. Mais uma vez, eles responderam de forma sucinta.

Entrevistada nº 1 mais ou menos ficam acomodados.

Entrevistada nº 2 em grande parte sim.

Entrevistado nº 3 sim, nem todos os alunos.

Entrevistada nº 4 em ler são poucos que interessa.

Em relação às respostas dos participantes sobre o interesse de seus alunos para ler e escrever. Eles responderam que de certa parte, os alunos se interessam para ler e escrever, já dois dos participantes disse que eles não se interessam. Será que estes alunos estão tendo a oportunidade de fazer suas escolhas de leitura, de buscar aquilo que realmente lhes interessa para despertar sua vontade de ler? É preciso rever também essas questões, se os professores estão trabalhando assuntos relacionados à realidade e a experiências cotidianas dos alunos.

No que diz respeito à metodologia de ensino que os professores têm utilizado para trabalhar a leitura e escrita com sua turma, os participantes nos disseram que utilizam as seguintes estratégias e recursos didáticos:

Entrevistada nº 1 pequenos textos, contos, histórias infantis.

Entrevistada nº 2 livros, revistas, produções de textos e outros.

Entrevistado nº 3 leitura de texto e produção de textos.

Entrevistada nº 4 pesquisa de textos na internet, vocabulários dos textos, ortografia, ditado.

Podemos constatar que todos os participantes trabalham com a leitura e a produção de textos. Apenas a participante nº 4 implementa a pesquisa de significados das palavras para o desempenho da leitura e da escrita com seus alunos. Carvalho (2010, p. 65) sugere que:

No que se refere à leitura e escrita, o desenvolvimento de um centro de interesse exige o uso de textos variados, encontrados principalmente em jornais, revistas, enciclopédias e dicionários. Para trabalhar dessa maneira o professor vai pouco a pouco reunindo e catalogando o seu material e aquele produzido pelos alunos, inicialmente apenas seus desenhos, recortes e colagens e, mais tarde, textos, que formam o “centro de documentação” da classe (Carvalho, 2010, p. 65).

No entanto é preciso trabalhar com a variedade de textos existentes possibilitando aos alunos a familiarização a estes para seu desempenho no processo de aprendizagem, e para o incentivo na busca de novos significados textuais e ampliação de seu conhecimento.

Quando questionamos aos participantes se eles identificavam alunos em sua turma com dificuldades de aprendizagem para ler e escrever, todos responderam positivamente a essa questão.

Entrevistada nº 1 sim.

Entrevistada nº 2 alguns.

Entrevistado nº 3 sim alguns alunos.

Entrevistada nº 4 sim.

Verificamos que todas as respostas dos participantes justificam que em sua turma encontram-se alunos com dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita. Dois deles referem a alguns e os outros dois não aprofundam sua resposta ficando apenas na afirmação do sim. Podemos perceber nos relatos de Carvalho (2005) que:

As condições inadequadas de ensino, que estamos ainda longe de superar mesmo nas grandes cidades, são turmas numerosas, jornada escolar insuficiente, despreparo das professoras, métodos inadequados ou mal aplicados, material didático desinteressante, falta de bibliotecas e sala de leituras (CARVALHO, 2005, p. 15).

No entanto podem ser esses fatores que têm contribuído para o não desenvolvimento dos alunos no processo de ensino aprendizagem, e por isso é de suma importância rever as condições de ensino que geralmente têm afetado fortemente a aprendizagem da leitura e da escrita na escola.

Já em relação à questão: em sua opinião, que fatores têm contribuído para que os alunos não tenham um rendimento satisfatório no desenvolvimento da leitura e da escrita?

Entrevistada nº 1 acompanhamento dos pais e questão de não reprovação que acomoda os alunos.

Entrevistada nº 2 em muitos casos aqueles alunos com algum tipo de deficiência.

Entrevistado nº 3 desinteresse, falta de acompanhamento dos pais e indisciplina.

Entrevistada nº 4 devido a algum distúrbio de aprendizagem, acompanhamento dos pais, atendimento especializado, falta de interesse dos discentes.

A maioria dos entrevistados em suas respostas queixa o acompanhamento dos pais, a falta de interesse e a indisciplina. Já o nº 1 relata a questão de não reprovar deixa os alunos acomodados, nesse caso essa metodologia pode contribuir para o desenvolvimento da leitura obrigatória e não de forma prazerosa que leva o aluno adquirir o gosto pela leitura e escrita. Como afirma Carvalho (2005, p. 15) que:

Os fatores extraescolares são sociais e decorrem da pobreza das famílias: ingresso tardio na escola, frequência irregular devido a doenças ou a condição de trabalho dos pais ou das crianças, falta de recursos para comprar material didático, ausência de livros ou jornais no lar, pais analfabetos, pouca ou nenhuma cooperação entre escola e família.

Entretanto os fatores previsíveis que afeta a aprendizagem dos alunos, mas nem por isso podemos esquecer que existem “alunos pobres, filhos de analfabetos e escolas pobres de baixa qualidade, mas que são excelentes alunos e aprendem a ler no primeiro ano escolar” (CARVALHO, 2005, p. 15). Percebe-se que os professores enxergam apenas fatores externos, não refere às condições de trabalho na sala de aula os métodos desenvolvidos se estes condizem com a realidade do aluno se são significativos, atraentes capaz de despertar o interesse dos alunos em aprender. Nenhum dos profissionais conseguiu relacionar a sua metodologia de ensino. A culpa está sempre fora da escola.

Já em relação às dificuldades vivenciadas no processo de aprendizagem de leitura e escrita com seus alunos. Os depoimentos dos professores comprovam essas dificuldades.

Entrevistada nº1 os livros propostos para a turma do 2º ano são inadequados, pois os alunos não acompanham, procuro, adaptar a realidade dos alunos.

Entrevistada nº 2 falta de interesse dos alunos.

Entrevistado nº 3 a dificuldade são aqueles que têm problemas na aprendizagem e não têm um acompanhamento de um psicólogo.

Entrevistada nº 4 conhecimento de algumas letras e junção de algumas sílabas.

Percebemos que as respostas dos participantes divergem uma das outras, uma é a questão da inadequação do livro que os alunos não conseguem acompanhar e que a professora procura adaptar a realidade do aluno tendo uma postura bastante significativa em sua tomada de decisão. O participante nº 2 cita apenas a falta de interesse. O nº 3 refere-se à necessidade de um psicólogo para acompanhar aos alunos e a nº 4 refere ao não conhecimento do alfabeto e das sílabas da língua portuguesa. Carvalho (2010) relata que o método da palavra-chave parece fácil de aplicar, mas que:

Alguns alunos não conseguem acompanhar o salto muito rápido da palavra-chave para as famílias silábicas. Por exemplo, LUTA e LU/TA são gráficos e fonologicamente diferentes de LA/LE/LI/LO/LU/TA/TE/TI/TO/TU. Se o aluno não percebe as relações entre as sílabas da palavra-chave e as demais, que lhe são apresentadas de uma só vez, ele fica desorientado. Nem sempre

tampouco o aluno compreende o processo combinatório de sílabas para formar novas palavras (CARVALHO, 2010, p. 73).

É o que geralmente ocorre com os assuntos dos livros que os alunos não acompanham e que os professores precisam buscar meios que os possibilite compreendê-los para desenvolver sua aprendizagem.

No caso de alunos com dificuldades de leitura e escrita, os participantes deveriam responder como agir diante dessa situação? Veja os depoimentos dos profissionais que participaram deste estudo:

Entrevistada nº 1 fica difícil de responder por que muda o conteúdo e continua do mesmo jeito.

Entrevistada nº 2 procurar métodos que faça com que eles desenvolvam.

Entrevistado nº 3 fazendo o possível dando suporte para que eles consigam juntar sílabas para ler e formar as palavras.

Entrevistada nº 4 preparar atividades conforme a realidade dos mesmos, dar mais atenção, inovar sua metodologia, trabalhar bastante com palavras simples para que a aprendizagem seja eficaz.

Em relação às respostas dos participantes, observamos que são bem distintas uma das outras, a nº 1 sente dificuldades em responder essa questão porque está trabalhando um conteúdo complexo e muda para um conteúdo mais simples, o aluno continua sem rendimento, no seu caso não sabe como fazer. O nº 2 prever métodos que possam auxiliar os alunos a desenvolver sua aprendizagem. O nº 3 diz que faz o possível para dar suporte aos alunos para que eles aprendam a juntar as sílabas, ler e formar palavras. Já a de nº 4 vê a importância de preparar atividades relacionadas à realidade dos alunos, disponibilizar mais atenção, mudar a metodologia de trabalho para que os alunos possam aprender a ler.

Como podemos ver no relato de Carvalho (2005, p. 35) que “para crianças que estão iniciando o processo de alfabetização com muita curiosidade e disposição em aprender a muito que se trabalhar, como por exemplo: histórias, poemas, trava-língua, canções de roda”. Mas no caso dos alunos grandes que são

repetentes e já estão enfadados de assuntos que não condizem com sua realidade, portanto, não se interessam, é importante que o professor procure desenvolver algo que chame sua atenção, como por exemplo, temas sobre futebol, músicas, danças, algo interessante da TV que eles vivem comentando, aproveitar esses assuntos que estão querendo saber e desenvolver aulas mais criativas que os alunos participem e aprendem a ler e escrever.

OBSERVAÇÃO NA SALA DE AULA

De acordo com as observações em sala de aula, percebemos que em todas as turmas se encontram alunos com muita dificuldade para desenvolver a leitura e escrita, especialmente, os alunos que são repetentes e ainda continuam sem ser alfabetizados. Percebemos que há uma preocupação dos professores em relação a essa situação constrangedora, que os professores procuram trabalhar com os alunos no período oposto das suas aulas o reforço escolar.

. Sendo assim, os professores ficam com menos tempo para desenvolver o planejamento sobre a leitura e escrita e estratégias de ensino que proporcionem um trabalho de qualidade com suas turmas. Persiste, também, o problema do acompanhamento dos pais nas tarefas em casa muitas das vezes as tarefas vão para casa e retornam do mesmo jeito. Percebe que a maioria dos alunos em processo de alfabetização são filhos de pessoas não alfabetizadas, porém são as que mais sentem dificuldades para aprender ler e escrever.

4.1 A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA DESPERTA O INTERESSE DOS FILHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE AMBAS.

O contato com os diversos tipos de textos que a família mantém com a leitura e a escrita no seu cotidiano incentiva muito os filhos a seguir, como diz o ditado filho de peixe peixinho é então tanto os pais como os educadores que está sempre refletindo na educação dos educandos precisam de uma forma ou de outra

procurar desenvolver o ato da leitura e escrita só assim poderá contribuir para formação de cidadãos aptos em ler e escrever.

Sabemos que o entrosamento dos alunos com os diferentes gêneros textuais, como por exemplo, livros, revistas, jornais, receitas, histórias em quadrinhos, TV, vídeo games, filmes, bulas de remédios, rótulos de embalagens enfim tem o poder persuadível de desenvolver o ato da leitura e escrita dos alunos.

Nas entrevistas os educadores diz incentivar os alunos a desenvolver a leitura e escrita durante suas atividades em sala de aula com exceção da nº 1 diz incentivar com o cantinho da leitura. Nas observações acompanhei apenas exercícios desenvolvidos no quadro de giz e a leitura dos alunos realizadas nos livros didáticos que recebe no início do ano e que passa o tempo todo com ele. Não tive a oportunidade de apreciar em nenhum momento do cantinho da leitura, ou seja, do momento ao incentivo a leitura na sala de aula com livros de vários gêneros textuais em que os alunos pudessem escolher o que lhe agrada para desenvolver sua leitura.

Levei alguns livros infantis para sala de aula para que os alunos lessem e eu pudesse observá-los, ficaram todos curiosos querendo folheá-los e lê-los, muitos conseguiram leem, e outros somente algumas palavras soletrando com muita dificuldade. Realizei a leitura em cada turma pedir para recontar a historinha lida, transcrita no caderno, alguns disseram que não sabia, mas propus que escrevesse do jeito que soubessem. Todos fizeram, a turma do 2º ano como a professora disse que só interpretava a leitura com desenho, pedir o texto, mas ela falou para desenhar então esperei que fizessem, mas teve um dos alunos que se disponibilizou por vontade própria e escreveu algumas linhas, recolhi todas para análise, muitos conseguem produzir os textos direitinhos já outros fazem apenas rabiscos sem decifrar nada do que está escrevendo.

Se crianças em quaisquer condições financeiras tiverem a oportunidade de participar de trabalhos diferenciados na sala de aula vai desenvolver suas relações interpessoais com mais facilidade e será capaz de aprender também sem dificuldade o desenvolvimento da leitura e da escrita. Segundo Carvalho (2005, p. 52) “a grande dificuldade na escola é não terem condições e materiais para desenvolver suas capacidades”.

Carvalho (2005, p. 53) ainda afirma que “as crianças acostumadas a ouvir histórias lidas em voz alta aprendem aos poucos sobre sintáxe (a forma pela qual as frases são organizadas para fazer sentido) e o léxico ou vocabulário da língua escrita”. O que pode auxiliar aos alunos em sua aprendizagem e no reconhecimento dos preceitos linguísticos que guia a escrita. Pois só no reconhecimento da importância e do significado que a escrita tem na vida das pessoas que o desenvolvimento desta se torna mais interessante para os alunos, mas que é um processo de longo prazo que precisa de muita dedicação e incentivo para que desperte nos alunos o desejo de aprender a ler e escrever.

4.2 O CANTINHO DA LEITURA

Como o ato da leitura e escrita é essencial para o desenvolvimento dos alunos cabe aos professores formar mesmo o cantinho específico da leitura para incentivá-los a desenvolver o gosto pela leitura e escrita por prazer e não por obrigação, onde eles possam se sentir a vontade para escolher o que lhe interessa e que condizem com sua realidade. Como vimos que as salas não são específicas das turmas de alfabetização para que possa montar o cantinho da leitura, que os educadores tomem a iniciativa de arrumar esse cantinho na própria biblioteca da escola, é uma sala pequena e que sempre está fechada, mas que pode servir do cantinho da leitura é só organizar um tempo propício para essa finalidade e começar, com certeza trará bons frutos no processo de ensino aprendizagem.

Quando os alunos convivem em ambientes que contém espaço livre que sente a vontade e muitos livros infantis para folheá-los e lê-los e que não sentem obrigados a fazer isso eles vão manusear muitos livros e o que lhe despertar a curiosidade é o que vai lhe guiar para a busca de muitos outros, até mesmo os que não sabem ler, mas acompanhado de um coleguinha que sabe, pode ouvir a leitura do coleguinha e tomando gosto pela leitura, passa a sentir o desejo de ouvir outras histórias e daí por diante só tende a descobrir mais e mais aventuras.

Pois ler é viajar na imaginação, conhecer novos horizontes e nessas horas de lazer que a leitura proporciona, que os alunos vão perceber a importância que a leitura e escrita tem na vida das pessoas, quando fazemos algo que gostamos

e chama a nossa atenção nos divertimos, sonhamos, abrimos novas portas para esperança e com isso só temos a melhorar nosso vocabulário permitindo assim escritores e leitores competentes capazes de desenvolver ambas as práticas sem alienação e insegurança. Como afirma Carvalho (2005, p. 53) que:

Observando livros infantis às crianças cria narrativas e as leituras feitas por colegas ou professores tem função importante em sua educação: elas alimentam sua imaginação e o sonho, melhora expressão verbal, aguçam a curiosidade, criam amor pelos personagens, pela palavra, pelos livros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação evidencia como uma prática fundamental na vida das pessoas, porque ela acontece em qualquer momento e a qualquer lugar, levando em consideração a educação escolar, o interesse dos alunos e professores desenvolve o processo de ensino aprendizagem em relação à leitura e à escrita.

Durante a elaboração deste estudo procuramos explicitar a importância da leitura e da escrita para o desenvolvimento dos alunos e a importância que tem o professor como mediador para o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

A concepção de investigação qualitativa direcionou a abordagem metodológica mais propícia ao desenvolvimento deste estudo como definiu Meksenas (2002) quando afirma que “o método mais eficiente onde o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele possui e é a verdadeira razão da entrevista”. Tendo como pressuposto, o instrumento para coleta de informações, a entrevista com um roteiro de questões para este fim.

As entrevistas foram transcritas diretamente, pois não foram gravadas, porém os professores não autorizaram a gravação. Durante a análise das informações colhidas na entrevista com três professores e a coordenadora pedagógica da escola, todos os participantes afirmaram que gostam de ler. Frente às respostas dos participantes observamos que estão abarrotados de responsabilidades, as quais impedem de fazer leituras, estudos e pesquisar novas estratégias de ensino para o bom desenvolvimento em seu trabalho pedagógico.

As informações coletadas condizem com a realidade cotidiana dos professores, estão sempre em contato com diversos gêneros textuais, mas falta tempo para dedicarem-se à leitura e escrever seus textos.

Como a leitura e a escrita estão vinculadas diretamente às atividades do cotidiano dos alunos tanto no meio social quanto na escola, quando alguém diz que lê e que gosta de lê, parece que não é por prazer, mas por obrigação para enfrentar a demanda cotidiana que o mundo letrado propõe a todos nós.

Na caracterização das práticas de leitura e escrita que colaboram para sua docência, a resposta dos participantes entrevistados foram apenas afirmativas e curtas sem dar maiores detalhes em suas respostas. Entendemos que a leitura deles está mais relacionada à preparação de seus planos de aula nos momentos marcados pela coordenadora pedagógica que repassa as normas da Secretaria de Educação que o professor tem de desenvolver seu planejamento de sala de aula dentro da escola.

Enquanto as atividades desenvolvidas pelos professores para incentivar a leitura e a escrita de seus alunos, que destinam um tempo para o momento da leitura seguido da produção de textos. Em relação às respostas coletadas com roteiro de questões conseguir obter várias informações a respeito da prática de leitura e escrita dos docentes, mais não foram suficientes para alcançar meu objetivo almejado, pois as suas respostas foram curtas sem ênfase, não permitindo inferir com clareza sobre a sua prática pedagógica em relação à leitura e escrita.

Mesmo tendo respostas que não foram explicitam como imaginava sobre as questões pude compreender um pouco da docência dos colegas, seu desempenho da leitura e escrita. Percebemos o quanto ainda precisa ser mudado na postura dos professores participantes deste estudo em relação à leitura e à escrita, pois em minhas observações pude perceber que na maioria das vezes o professor fica centrado nas atividades dos livros didáticos e a escrita de textos expostos no quadro de giz. Em relação ao desenvolvimento das atividades dos alunos os professores podiam pedir para que os alunos transcreverem o que entenderam do assunto e no caso das histórias ouvidas para mudarem o final delas ou recontar a história, utilizando outras estratégias de ensino, como por exemplo, recontar em quadrinhos ou outra forma que eles escolhessem ao invés de ficar realizando

atividades com questões prontas do livro didático. Talvez essas novas estratégias possam contribuir melhor para o desenvolvimento da leitura e escrita.

Sugerimos que os participantes pudessem trazer para sala de aula vários livros de diferentes gêneros textuais para que os alunos mantivessem contato direto e escolhessem aquele que lhe desperte o interesse de ler e escrever; deixando um tempo livre para que os alunos pudessem fazer suas escolhas daquele que lhe mais agrada. Esse tempo que estive observando não conseguir apreciar nem um dia, atividades no cantinho da leitura, apenas pude acompanhar a leitura dos alunos desenvolvida com os livros didáticos que recebem no início do ano. Quando apresentei alguns livros diferentes, percebemos o quanto os alunos ficaram curiosos querendo folheá-los e lê-los.

Portanto é de suma importância que o professor organize um tempo, um espaço, para o momento da leitura, como as salas não é muito adequada, essa atividade pode ser na biblioteca da escola, geralmente está fechada, para que os alunos usufruam desse momento tão significativo e com certeza vai contribuir com a prática de leitura e de escrita de forma prazerosa, na qual eles podem escolher o texto que quer ler.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CARVALHO, Marlene. *Guia prático do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 2010.

_____. *Alfabetizar e letrar. Um diálogo entre a teoria e a prática*. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2005.

DALLA VALLE, Luciana de Luca. *Metodologia da alfabetização*. Curitiba: Ibpex, 2011.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2011.

GONSALVES, Elisa Pereira. *Iniciação à pesquisa científica*. São Paulo: Alínea, 2001.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. *Metodologia do ensino de língua portuguesa*. Curitiba: Ibpex, 2011.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

MEKSENAS, Paulo. *Pesquisa social e ação pedagógica. Conceitos métodos e práticas*. São Paulo, Brasil, 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice e NOGUEIRA, Cláudia M. Martins. Bourdieu & a Educação.
Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ao terminar o curso de Pedagogia quero fazer uma pós-graduação em Ciências, e dar continuidade a minha profissão de docente. Precisamos buscar sempre uma formação continuada, pois esta é uma profissão que requer inovações constantemente para está acompanhando as grandes mudanças que geralmente acontece no processo educativo e no mercado de trabalho, é preciso aprimorar sempre nosso conhecimento para estar a par de tudo que acontece no mundo e a nossa volta e poder atender a demanda da sala de aula.

Com o grande número de informações que surge todos os dias as pessoas nem dão conta de assimilar metade de informações que lhes são proposta constantemente. Se não tem tempo de assimilar tudo, muitos menos serão adaptados por estes, porque são rápidas as mudanças que geralmente não dão para apreender tudo, mas é preciso ficar atento e ágil em captá-las senão podemos ficar de fora da lista dos competentes e capazes de estar inserido no mercado de trabalho.

No entanto não podemos parar no tempo, temos de ampliar nosso conhecimento cada vez mais, porque esta é uma profissão que não cessa e nem se limita às inovações, quanto mais estudamos, ainda há o que aprender.

APÊNDICE 1

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DAS PROFESSORAS

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

PROFESSORA Nº 1

I - Identificação

Nome do professor (a):

Formação do professor (a): Pedagoga

Tempo de atuação no magistério: 12 anos

_Gosta de ler e escrever?

R: Gosto

Em caso positivo:

_Por que lê?

R: Para adquirir mais conhecimento.

_Que tipos de leituras costumam realizar?

R: Textos infantis, contos, historinhas, jornais etc.

_Quanto tempo dedica à leitura?

R: Difícil delimitar o tempo sempre estou procurando ler alguma coisa, nos momentos vagos.

Se não gosta de ler:

_Por que não gosta?

_Como consegue ser professor (a) sem ler?

II – Desenvolvimento

Em sua opinião, quais as práticas de leitura que mais colaboram para o desempenho de sua docência no processo de ensino aprendizagem.

_Você planeja atividades de leitura e escrita para sua docência?

R: Sim.

_Que tipo de leitura costuma fazer com seus alunos?

R: Textos infantis, historinhas.

_Como você tem incentivado seus alunos a ler?

R: Formando o cantinho da leitura.

_Que tipo de textos seus alunos costumam escrever?

R: Produção de texto através de desenho.

_Em sua opinião seus alunos têm demonstrado interesse para ler e escrever?

R: Mais ou menos, muitos ficam acomodados.

_Que metodologia tem utilizado para trabalhar a leitura e escrita com sua turma de alunos?

R: Pequenos textos, contos, histórias infantis.

_Você identifica alunos em sua turma com dificuldades de aprendizagem para ler e escrever?

R: Sim.

_Em sua opinião, que fatores têm contribuído para que os alunos não tenham um rendimento satisfatório no desenvolvimento da leitura e da escrita?

R: Acompanhamento dos pais, e questão de não reprovar que acomoda os alunos.

_Mencione algumas dificuldades que mais têm sido pertinente no processo de aprendizagem de leitura e escrita de seus alunos.

R: Os livros propostos para turma de 2º ano que os alunos não acompanham, eu não acompanho os livros, adapto a realidade dos alunos.

_ No caso de alunos com dificuldades de leitura e escrita, como o professor deve agir diante dessa situação?

R: Fica difícil de responder, porque muda o conteúdo e continua do mesmo jeito.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

PROFESSORA Nº 2

I - Identificação

Nome do professor (a):

Formação do professor (a): Pedagoga.

Tempo de atuação no magistério: 09 anos.

_Gosta de ler e escrever?

R: Sim gosto.

Em caso positivo:

_Por que lê?

R: Para aperfeiçoar meus conhecimentos.

_Que tipos de leituras costumam realizar?

R: Contos, histórias infantis.

_Quanto tempo dedica à leitura?

R: Quando surge um tempo sempre procuro ler alguma coisa.

Se não gosta de ler:

_Por que não gosta?

_Como consegue ser professor (a) sem ler?

II – Desenvolvimento

Em sua opinião, quais as práticas de leitura que mais colaboram para o desempenho de sua docência no processo de ensino aprendizagem.

_Você planeja atividades de leitura e escrita para sua docência?

R: Sim.

_Que tipo de leitura costuma fazer com seus alunos?

R: Contos, livros infantis e fábulas.

_Como você tem incentivado seus alunos a ler?

R: Trazendo prática que desperta o gosto pela leitura.

_Que tipo de textos seus alunos costumam escrever?

R: Contos e outros.

_Em sua opinião seus alunos têm demonstrado interesse para ler e escrever?

R: Grande parte sim.

_Que metodologia tem utilizado para trabalhar a leitura e escrita com sua turma de alunos?

R: Livros, revistas, produções e outros.

_Você identifica alunos em sua turma com dificuldades de aprendizagem para ler e escrever?

R: Alguns.

_Em sua opinião, que fatores têm contribuído para que os alunos não tenham um rendimento satisfatório no desenvolvimento da leitura e da escrita?

R: Em muitos casos aqueles alunos com algum tipo de deficiência.

_Mencione algumas dificuldades que mais têm sido pertinente no processo de aprendizagem de leitura e escrita de seus alunos.

R: Falta de interesse.

_ No caso de alunos com dificuldades de leitura e escrita, como o professor deve agir diante dessa situação?

R: Procurar métodos que faça com que eles desenvolvam.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

PROFESSOR Nº 3

I - Identificação

Nome do professor (a):

Formação do professor (a): Pedagogo.

Tempo de atuação no magistério: 09 anos.

_ Gosta de ler e escrever?

R: Às vezes.

Em caso positivo:

_ Por que lê?

R: Para melhoria dos meus alunos.

_ Que tipo de leituras costuma realizar?

R: Textos e contos.

_ Quanto tempo dedica à leitura?

R: Uma hora, uma hora e meia.

Se não gosta de ler:

_ Por que não gosta?

R: Muito cansativo.

_ Como consegue ser professor (a) sem ler?

R: Estudando cada vez mais.

II – Desenvolvimento

Em sua opinião, quais as práticas de leitura que mais colaboram para o desempenho de sua docência no processo de ensino aprendizagem.

_Você planeja atividades de leitura e escrita para sua docência?

R: Sim.

_Que tipo de leitura costuma fazer com seus alunos?

R: Leitura de conto.

_Como você tem incentivado seus alunos a ler?

R: Com leitura coletiva e individual.

_Que tipo de textos seus alunos costumam escrever?

R: Contos.

_Em sua opinião seus alunos têm demonstrado interesse para ler e escrever?

R: Sim nem todos, alguns.

_Que metodologia tem utilizado para trabalhar a leitura e escrita com sua turma de alunos?

R: Leitura de texto e produção de texto.

_Você identifica alunos em sua turma com dificuldades de aprendizagem para ler e escrever?

R: Sim alguns alunos.

_Em sua opinião, que fatores têm contribuído para que os alunos não tenham um rendimento satisfatório no desenvolvimento da leitura e da escrita?

R: Desinteresse falta de acompanhamento dos pais e indisciplinas.

_Mencione algumas dificuldades que mais têm sido pertinente no processo de aprendizagem de leitura e escrita de seus alunos.

R: A dificuldade são aqueles que têm problema na aprendizagem e não tem acompanhamento de um psicólogo.

_ No caso de alunos com dificuldades de leitura e escrita, como o professor deve agir diante dessa situação?

R: Fazendo o possível dando suporte para que eles consigam juntar silabas para ler e formar as palavras.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

PROFESSORA Nº4

I - Identificação

Nome do professor (a)

Formação do professor (a): Pedagoga.

Tempo de atuação no magistério: 10 anos.

_Gosta de ler e escrever?

R: Sim.

Em caso positivo:

_Por que lê?

R: Para adquirir conhecimentos.

_Que tipos de leituras costumam realizar?

R: jornais, revistas, documentos, contos etc.

_Quanto tempo dedica à leitura?

R: Sempre que posso desde quando estudava o 1º e 2º grau.

Se não gosta de ler:

_Por que não gosta?

_Como consegue ser professor (a) sem ler?

II – Desenvolvimento

Em sua opinião, quais as práticas de leitura que mais colaboram para o desempenho de sua docência no processo de ensino aprendizagem.

_Você planeja atividades de leitura e escrita para sua docência?

R: Sim.

_Que tipo de leitura costuma fazer com seus alunos?

R: Leitura do livro e das atividades feitas na sala.

_Como você tem incentivado seus alunos a ler?

R: Através da própria tarefa realizada em sala de aula.

_Que tipo de textos seus alunos costumam escrever?

R: Resumo, produção de texto.

_Em sua opinião seus alunos têm demonstrado interesse para ler e escrever?

R: Em ler são poucos que interessam.

_Que metodologia tem utilizado para trabalhar a leitura e escrita com sua turma de alunos?

R: Pesquisa de texto na internet, vocabulário dos textos, ortografia, ditado.

_Você identifica alunos em sua turma com dificuldades de aprendizagem para ler e escrever?

R: Sim.

_Em sua opinião, que fatores têm contribuído para que os alunos não tenham um rendimento satisfatório no desenvolvimento da leitura e da escrita?

R: Devido algum distúrbio de aprendizagem, acompanhamento dos pais, atendimento especializado, interesse dos discentes.

_Mencione algumas dificuldades que mais têm sido pertinente no processo de aprendizagem de leitura e escrita de seus alunos.

R: Conhecimento de algumas letras e conjunção de algumas sílabas.

_ No caso de alunos com dificuldades de leitura e escrita, como o professor deve agir diante dessa situação?

R: Preparar atividades conforme a realidade dos mesmos, dar mais atenção, inovar sua metodologia, trabalhar bastante com palavras simples para que a aprendizagem seja eficaz.

ANEXO 1

DOCUMENTOS DA OBSERVAÇÃO REALIZADA NA ESCOLA PESQUISADA

Instituição de Ensino Escola Municipal Santa Luzia
 Endereço Povoado Santa Luzia
 CEP 46445-000 Telefone (15) 9993 8465
 Responsável pela Instituição Jamerson Fernandes Dupra

Termo de Ciência da Instituição
 Termo de Ciência da Instituição

Prezada Coordenadora de Polo,
 Autorizamos o(a) estudante Evangelina Rocha dos Santos
 matricula 03170301 de Pedagogia a Distância da Faculdade de Educação -
 Universidade de Brasília realizar todos os procedimentos de Coleta de Dados para seu
 Estudo de Pesquisa que comporá o Trabalho de Conclusão de Curso neste semestre
 junto aos (mencionar se são os professores, coordenadores, Gestores, pais, alunos ou
 todos os profissionais)

Jamerson Fernandes Dupra
 Diretor
 Portaria nº 065 / 2018

Ass. Responsável da Instituição (com carimbo)

Tel. 7799998465
 Email: educad@obstronil.com

ESCOLA MUNICIPAL SANTA LUZIA
 Port.: 0381 de 10/03/1981
 Povoado de Santa Luzia
 Carinhanha - Bahia



Universidade de Brasília
 Faculdade de Educação
 Curso de Pedagogia e Distúrbios
 Projeto V - Trabalho de Conclusão de Curso

Caribala (Nome de Cidade) 12 de Novembro de 2012

Prezados(as),

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Pedagogia e Distúrbios prevê a elaboração de um estudo de pesquisa relacionado à educação básica. Nesse sentido, mobilizamos os (as) estudantes que o desenvolvem em uma escola, uma vez que consideramos a escola como um espaço privilegiado de formação profissional do Pedagogo.

Considerando o interesse do estudante em realizar seu estudo, cujo tema é Desenvolvimento da leitura e escrita das crianças de 5 anos de idade em escolas públicas apresentamos Evangelina Rocha dos Santos, regularmente matriculada no Curso de Pedagogia e Distúrbios da Faculdade de Educação - Universidade de Brasília que pretende realizar O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) observações em sala de aula e entrevistas semi-estruturadas com os professores que possam colaborar com seu estudo.

Esclarecemos que os dados construídos pela pesquisadora serão utilizados apenas para efeito deste estudo e preservaremos a identidade dos participantes. Portanto, os participantes devem aceitar também a termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Na certeza de contarmos com a sua colaboração, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento que se fizer necessário ao mesmo tempo expressamos nossos agradecimentos.

Evangelina Rocha dos Santos
 Coordenadora do TCC
 Projeto V - 2012

Evangelina Rocha dos Santos
 (nome do(a) Coordenador(a) do polo
 Coordenador(a) do polo

Evangelina Rocha dos Santos
 (nome do(a) Tutor(a) presencial do(a) do polo
 Coordenador(a) do polo

Tel 70-3327-071 Email evangelina@unb.br ou evangelina@gea.unb.br Tel 70-3327-053 Email gea@unb.br



Universidade de Brasília
 Faculdade de Educação
 Curso de Pedagogia e Distúrbios
 Projeto V - Trabalho de Conclusão de Curso

Atesta da Presença da Estudante na Instituição

Estudante Evanyza Breda dos Santos Matrícula 03/20201

Instituição Escola Municipal Santa Luzia

Responsável pelo acompanhamento desta Estudante Sra. Vivian de Carvalho

Telefone () 032223642 E-mail _____

Data	Hora	Atividade realizada	Assinatura do responsável
19.11.12	2:30	2ª Etapa do trabalho Pós-graduação de graduação	<i>[Assinatura]</i>
20.11.12	2:00	Prática de 1ª Etapa	<i>[Assinatura]</i>
21.11.12	2:00	Letras avaliadas	<i>[Assinatura]</i>
22.11.12	2:30	Atividade de 1ª etapa avaliada	<i>[Assinatura]</i>
23.11.12	2:00	Compromisso de trabalho avaliado e assinado	<i>[Assinatura]</i>
24.11.12	2:00	Prática de 2ª Etapa avaliada	<i>[Assinatura]</i>
25.11.12	2:30	Prática de 3ª Etapa avaliada	<i>[Assinatura]</i>



Universidade de Brasília
 Faculdade de Educação
 Curso de Pedagogia e História
 Plano V - Trabalho de Conclusão de Curso

Atesta da Presença da Estudante na Instituição

Estudante Carolina Costa dos Santos Matrícula 2010001

matrícula Escola Municipal Santa Luzia

Assessorado pelo acompanhamento desta Estudante Yasiele Sobrinho da Silva

Telefone (11) 2222-2222, 8-mat

Data	Hora	Atividade realizada	Assinatura do responsável
20.11.12	2:00	Companhia de voluntários Lectura	atu
21.11.12	1:45	Lectura e interpretação	atu
22.11.12	1:45	Lectura e interpretação de poesia	atu
23.11.12	2:00	Companhia de voluntários Lectura	atu
24.11.12	2:00	Companhia de voluntários e interpretação de texto	atu
25.11.12	1:45	Companhia de voluntários Lectura de Natal	atu
30.11.12	2:00	Reflexão dos múltiplos funções	atu



Universidade de Brasília
 Faculdade de Educação
 Curso de Pedagogia e Docência
 Projeto V - Trabalho de Conclusão de Curso

Ateste da Presença da Estudante na Instituição

Estudante Luana Paula dos Santos matricula 020007

matrícula Escola Municipal Santa Luzia

Responsável pelo acompanhamento da Estudante João Luiz Sousa

Elviana

Trabalho (1) _____ (2) _____

Data	Hora	Atividade realizada	Assinatura do responsável
21.11.12	2:00	Revisão de atividades multimídia e produção de texto	[Assinatura]
22.11.12	2:00	Leitura e construção de multimídia	[Assinatura]
23.11.12	2:00	Multimídia	[Assinatura]
27.11.12	1:45	Atividade de leitura	[Assinatura]
28.11.12	1:45	Leitura de multimídia	[Assinatura]
29.11.12	2:00	Produção de texto	[Assinatura]
30.11.12	1:45	Produção de multimídia	[Assinatura]

TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO

Faculdade de Educação
Universidade de Brasília

Prezados professores,

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem por nome Desenvolvimento da Língua e Contos das crianças criativas do Paroquial Fundamental

O trabalho será desenvolvido por seis estudantes de graduação devidamente matriculados no Curso de Pedagogia e Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Todos os procedimentos previstos no regulamento e por meio deste livro registramos nomes e gêneros (sexos). As informações contidas neste formulário deverão ser usadas com as devidas precauções éticas. O seu nome (real) será utilizado em todos os registros escritos e as fotos gravadas serão disponibilizadas após o estudo.

Seu assentado deverá indicar que você tem ciência dos direitos e deveres previstos no regulamento desta atividade. Caso tenha alguma questão ou dúvida, favor entrar em contato comigo ou com a outra pesquisadora. O nome e o endereço eletrônicos de cada uma estão na página

Agradecemos sua atenção e cooperação.

em 21/11/2012

Nome do participante

Sra. Maria de Conceição tel. 99883643

Sra. Maria de Conceição

Endereço

Estudante: nome de usuário Luizyza Maria dos Santos

Telefone

99883643 ou 99883643

Coordenadora de Pós-graduação Maria de Lourdes X. Lopes

Telefone: 99.85174417 e-mail: laudes@unb.br

TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ENCLARECIDO

Faculdade de Educação
Universidade de Brasília

Prezado(a) professor(a),

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que tem por tema Desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos membros do Núcleo Fundamentado

O trabalho será desenvolvido por você, candidato de graduação devidamente matriculado no Curso de Pedagogia e Docência da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Todos os procedimentos previstos no regulamento e por você, serão feitos mediante escrita e gerados (transcritos). As informações contidas neste consentimento deverão de acordo com as recomendações éticas. O seu nome (real) será utilizado em todos os registros escritos e as fotos geradas serão disponibilizadas após o estudo.

Na assinatura abaixo indica que você lê, compreende direito e consente concordar em participar dessa atividade. Caso tenha alguma dúvida ou dúvida, você poderá ser contatado através de e-mail ou telefone. O nome e o endereço eletrônico do Núcleo Fundamentado

Agradecemos sua atenção e cooperação.

Data: 28/11/2012

Nome do participante:

Lucilla Rodrigues de Sá Nº 111111111111

Lucilla Rodrigues de Sá

Assinatura

Endereço (rua de acesso): Esplanada Sudoeste dos Setores

Telefone: (55) 3107-3134 e-mail: lucilla@unb.br

Coordenador de Pós-graduação: Marina de Lourdes X. Lopes

Telefone: (55) 3107-3134 e-mail: marina@unb.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ENCLARECIDO

Faculdade de Educação
Universidade de Brasília

Prezados professores,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que tem por tema

Desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos
novatos do Ensino Fundamental

O trabalho será desenvolvido por mim, estudante de graduação devidamente matriculado no Curso de Pedagogia e Docência da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Todas as procedimentos previstos no regulamento e por lei, serão lidos e registrados escritos e gravados (áudio/visual). As informações contidas serão consideradas sigilosas de acordo com as recomendações éticas. O seu nome (real) será utilizado em todos os registros escritos e as suas gravações serão disponibilizadas após o estudo.

Sua assinatura abaixo indica que você leu, compreendeu devidamente e livremente concordou em participar dessa atividade. Caso tenha alguma questão ou dúvida, basta entrar em contato comigo ou com a minha orientadora. O nome e o telefone encontram-se ao final desta página.

Agradecemos sua atenção e cooperação.

Data: 21/11/2022

Nome do participante

Yaribany Souza Oliveira Nº _____

Yaribany Souza Oliveira

Assinatura

Estudante (nome do estudante) Yaribany Souza dos Santos

Telefone: 99 3345 7570/36 e-mail: yaribany.souza@unb.br

Coordenadora de Pós de Apoio: Yara de Moraes & Lopes

Telefone: 99 3345 7433 e-mail: humberto@unb.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Faculdade de Educação
Universidade de Brasília

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que visa ao tema: Fundamentos da Letra e Função dos Assosinônimos da Língua Fundamentada

O trabalho será desenvolvido por mim, estudante de graduação devidamente matriculado no Curso de Pedagogia e Doutorado da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Todos os procedimentos previstos no regulamento e por lei, serão feitos registros escritos e gravados (áudiovisual), de informações contidas neste consentimento, cópias de acordo com as necessidades da pesquisa. O seu nome (real) será utilizado em todos os registros escritos e as fotos gravadas serão disponibilizadas após o estudo.

Sua assinatura deverá ser feita por você ou, mediante delegação e tratamento adequado, em participante devidamente autorizado. Com todos os dados pessoais ou identificados, sendo sempre em caráter sigiloso em caso de acesso indevido. O nome e o endereço eletrônico de seu filho(a) não serão divulgados.

Agradecemos sua atenção e cooperação.

em 25/11/2012

Nome do participante:

Luiz Felipe de Souza nº 95324005

Luiz Felipe de Souza

Assinatura:

Estudante (nome de assinatura) Luiz Felipe de Souza

Telefone: 11.3333.3333 nº 11.3333.3333

Coordenador de Pós-graduação: Luiz Felipe de Souza

Telefone: 11.3333.3333 nº 11.3333.3333